



revista cristã
última chamada



A Defesa de um Supersessionismo Preterista

Kendall Lankford

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



**www.
revistacrista
.org**

A Defesa de um Supersessionismo Preterista

Kendall Lankford

Tradução e adaptação textual por
César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

A Defesa de um Supersessionismo Preterista

Autor: Kendall Lankford

Título original:
A Preterist Supersessionism

Site:
<https://www.theshepherds.church/blog>

Acessado dia 19/01/2026

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem de Bernhard Stärck por Pixabay.com)

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Janeiro de 2026

Índice

Sobre o autor	08
Apresentação	09
Introdução	11
Parte 1	
O Caso da Aliança	12
Tese 1 — Cristo é Israel Concentrado e as Alianças Consumadas	13
Tese 2 — O Povo de Deus é Agora Definido Cristologicamente, Não Etnicamente	16
Tese 3 — A Promessa da Terra é Expandida Para o Mundo	20
Tese 4 — A Circuncisão, o Sacerdócio e os Sacrifícios São Cumpridos e Revogados	23
Conclusão desta Parte	26
Parte 2	
O Caso Histórico	28
Parte 1 - A Aliança foi Tirada dos Judeus	31
Parte 2 - O Avivamento do "Fim dos Tempos"	
Já Ocorreu	40
Parte 3 - A Missão está Sob Um Só Nome	48
Conclusão Desta Parte	52
Parte 3	
O Caso de Romanos 11	54
Parte 1 - Definindo Israel à Maneira de Paulo	55
Parte 2 - A Oliveira é Israel, Não "os Judeus"	58
Parte 3 - Quando Ocorreu a "Cortação"	61

Parte 4 - O “Enxerto” do Primeiro Século	65
Parte 5 - “A Plenitude dos Gentios”	69
Parte 6 - “Todo o Israel Será Salvo”	74
Parte 7 - O Verdadeiro Fim do Mundo	78
Parte 8 - O Mundo Depois do Fim do Mundo	82

Conclusão

Quando o Velho Mundo terminou em 70 d.C., Deus não...	86
Obras importantes para pesquisa...	88

- Sobre o Autor -



Kendall Lankford é pastor de Ensino.

Marido da minha melhor amiga e linda noiva Shannon; pai de seis filhos únicos e vibrantes; introvertido assumido; fã de basquete da Duke; aspirante a designer gráfico, nerd de carteirinha; puritano convicto; leitor voraz; fotógrafo e cinegrafista amador; artista e poeta ocasional; às vezes guitarrista e cantor; jamais dançaria; e sempre apaixonado por ver a pregação da Palavra de Deus trazer avivamento à Nova Inglaterra.

Seu artigos se encontram no site:

<https://www.theshepherds.church/blog/revelation-christ-is-king>

- Apresentação -

Diz-se que Supersessionismo é a crença de que o Cristianismo substituiu Israel como povo eleito de Deus. Nunca me considereei um supersessionista nesse sentido. Creio que a Igreja não substitui, mas continua Israel de uma forma mais ampla. É justamente isso que o autor deste e-book defende. Conforme suas próprias palavras, a inclusão dos gentios não é uma substituição, embora a Antiga Aliança não possa mais existir.

“E, se a Antiga Aliança não pode existir, então um povo da Antiga Aliança também não pode existir. Isto não é substituição; isto é completude. Israel não perde a sua identidade. A sua identidade é assumida, purificada, magnificada e assegurada para sempre em Cristo”.

O autor Kendall Lankford assume o Supersessionismo de uma forma bem equilibrada, mostrando que não se trata de substituição.

O Supersessionismo é malvisto pelos sionistas e dispensacionalistas. O teólogo Franklin Ferreira, por exemplo, com seus devaneios acerca de Israel, escreveu:

“...confesso com vergonha que eu mesmo usei no passado uma linguagem supersessionista, supondo que a Igreja substituiu Israel.

Portanto, essa obra visa corrigir o que escrevi anteriormente — e o leitor terá sua atenção chamada para esse ponto no capítulo em que são abordadas a eleição e a aliança”.¹

Mas Ferreira deveria ter vergonha de agora defender algo muito parecido com a crença dispensacionalista acerca de Israel. A impressão que se tem é que parece ser um crime ser supersessionista. Alguns chegam a dizer que essa posição é antisemita.

É por isso que convido o leitor a analisar reflexivamente cada palavra deste excelente e-book. Profundamente esclarecedor, ele ajudará o leitor a ir direto à fonte do Supersessionismo legitimamente bíblico e coerente com a continuação de Israel como Igreja de Cristo.

Boa leitura!

César Francisco Raymundo
Editor da Revista Cristã Última Chamada.

¹ Por Amor de Sião – Israel, Igreja e a Fidelidade de Deus, pg. 62. Franklin Ferreira. 1.a edição: 2022. Editora Vida Nova. ©2022, de Edições Vida Nova.

- Introdução —

Cristo não compete com a Antiga Aliança; Ele a completa — e, uma vez alcançado o cumprimento, toda a ordem da aliança deve ser transformada. As sombras não podem permanecer quando a substância se manifesta, os andaimes não podem permanecer quando a construção estiver concluída, e o povo de Deus não pode ser definido por aquilo que Cristo já pôs fim. Nele, as alianças alcançam seu propósito, as promessas encontram seu "Sim" e "Amém", e toda a história de Israel é elevada à sua forma verdadeira e definitiva.

- Parte 1 —

O Caso da Aliança

O supersessionismo força você a decidir se deixará o Novo Testamento falar por si só ou se arrastará as categorias da Antiga Aliança para a era de Cristo. Essa é a verdadeira questão. Todo o resto é ruído. Os apóstolos não deixam a porta entreaberta para dois povos da aliança, dois programas da aliança ou um plano redentor dividido. Eles pregam um Reino, um povo, uma aliança, um Senhor. Se você aceitar isso, todo o Novo Testamento se encaixa perfeitamente. Se resistir, você se verá lutando contra a própria estrutura da Bíblia.

É por isso que a doutrina importa. Não se trata de vencer uma discussão online. Trata-se de ler a Bíblia sem confusão. Quando os cristãos insistem em atribuir ao Israel étnico um status de aliança que o Novo Testamento jamais lhes concede, criam uma tensão constante com passagens que deveriam ser claras. Eles tropeçam em Romanos 9, Gálatas 3, Efésios 2, Hebreus 8, Atos 15 e em todo o livro do Apocalipse. Acabam defendendo um sistema que os apóstolos desmantelaram.

E essa é a tensão que você deve sentir: ou Cristo cumpre a Antiga Aliança e traz uma nova era, ou não. Se Ele a cumprir, nada no povo da aliança de Deus poderá permanecer o mesmo. Se Ele não a cumprir, então os apóstolos estavam confusos, a

igreja primitiva compreendeu mal a sua própria identidade e a Grande Comissão ainda aguarda sinal verde.

Por isso, devemos começar pelas Escrituras e deixar que elas falem claramente. O supersessionismo não é uma teoria; é a consequência inevitável de levar a Bíblia a sério. Quando você segue os argumentos dos apóstolos, eles o conduzem em uma única direção: em direção a Cristo como o cumprimento da promessa feita a Israel e em direção à igreja como o povo reunido nele.

O que se segue é uma demonstração passo a passo de como a Bíblia apresenta esse argumento — não por meio de argumentos engenhosos ou artifícios teológicos, mas prestando atenção em como os apóstolos interpretam o Antigo Testamento, como descrevem Cristo e como definem o povo de Deus à luz dEle. Uma vez que você veja isso, não poderá mais ignorar.

Com as apostas em cima da mesa e a tensão evidente, começamos pelo primeiro e mais decisivo ponto. Se tudo correr bem neste ponto, todo o resto se desenrolará com força e clareza.

Tese 1 — Cristo é Israel Concentrado e as Alianças Consumadas —

Se você deseja compreender o argumento bíblico em favor do supersessionismo, precisa estabelecer uma verdade antes de todas as outras: Cristo não é uma figura ao lado de Israel. Cristo

é Israel em sua própria pessoa. Ele não é um acréscimo à história da Antiga Aliança; Ele é o ponto para o qual toda a Antiga Aliança convergia. Quando Ele entra em cena, não continua a história de Israel como um capítulo entre muitos. Ele leva toda a narrativa ao seu clímax pretendido.

É por isso que os capítulos iniciais do Novo Testamento não apresentam Jesus como um Messias distante, pairando acima da história de Israel. Eles o apresentam refazendo os passos de Israel, triunfando onde Israel falhou e cumprindo tudo o que Israel deveria ser. Isso não é acidental. Mateus cita Oséias — “Do Egito chamei o meu Filho” — não porque ele seja descuidado com a profecia, mas porque está mostrando a mudança de identidade que definirá todo o Novo Testamento. Israel era chamado de Filho de Deus na Antiga Aliança; Jesus é o verdadeiro Filho na Nova. Israel atravessou as águas; Jesus atravessa as águas. Israel foi provado no deserto e caiu; Jesus é provado no deserto e vence. Israel sucumbiu à idolatria, à incredulidade e à traição da aliança; Jesus se apresenta como o israelita fiel que personifica a Lei de Deus em obediência impecável.

Isso é importante porque a identidade bíblica deriva da representação da aliança. Se Cristo representa Israel de forma impecável, então Cristo se apresenta como o cumprimento de Israel, e toda a estrutura da aliança de Israel agora repousa sobre Ele. É por isso que o Novo Testamento não hesita em aplicar os títulos, instituições e promessas de Israel a Cristo. Ele é o verdadeiro Templo, porque a morada de Deus não está mais localizada em pedra, mas no Filho encarnado que habita entre nós. Ele é o verdadeiro Sacerdote, porque nenhum levita poderia realizar o que o Filho de Deus realiza quando entra no santuário

celestial com o Seu próprio sangue. Ele é o verdadeiro Sacrifício, porque cada animal sacrificado na Antiga Aliança era um substituto, aguardando o Cordeiro que de fato removeria o pecado. Ele é a verdadeira Páscoa, as verdadeiras Primícias, a verdadeira Descendência de Abraão, o verdadeiro Rei Davídico. Em todas as direções que olhamos, o Novo Testamento aponta para Cristo como a realidade concreta por trás de cada sombra da Antiga Aliança.

Esta não é uma linguagem poética. É uma transição da aliança. Quando a substância chega, as sombras não são insultadas; elas são completadas. Quando o Rei se assenta no trono, os tutores e guardiões se retiram. Hebreus deixa isso bem claro. A Antiga Aliança torna-se “obsoleta” não porque era ruim, mas porque Cristo cumpriu o que ela prometeu. Uma aliança concebida para apontar para o futuro não pode permanecer válida quando Aquele para quem ela apontava já veio. Toda a estrutura da vida de Israel — sacerdócio, templo, sacrifícios, festas, terra — serviu como andaime para a chegada do Messias. Uma vez que Ele chega, o andaime não compete com a construção; ele é desmontado porque seu propósito foi cumprido.

É por isso que o supersessionismo é inevitável. Se Cristo é o cumprimento das alianças, então as alianças não podem permanecer as mesmas. Se Cristo completa a história de Israel, então a história de Israel não pode continuar em um caminho separado. E se a Antiga Aliança é levada à sua conclusão ordenada em Cristo, então o povo da aliança deve agora ser definido nEle, não por linhagem sanguínea, geografia ou ordenança mosaica. A Nova Aliança não é uma segunda versão da Antiga Aliança. É a Antiga Aliança amadurecida, completada e reconstituída no Senhor crucificado e ressuscitado.

Uma vez que você compreenda isso, tudo o mais se torna claro. Os apóstolos não estão redefinindo Israel de uma maneira astuta. Eles estão simplesmente seguindo a lógica da identidade de Cristo. Se Ele é o verdadeiro Israel, então a união com Ele — e não a descendência de Abraão — define o povo de Deus. Se Ele é o verdadeiro Templo, então a adoração não está mais centrada em Jerusalém. Se Ele é o verdadeiro Sacerdote, então a ordem levítica chegou ao fim. Se Ele é o verdadeiro Sacrifício, então o sistema sacrificial chegou ao seu fim. Cristo não compete com a Antiga Aliança; Ele a completa. E essa completude necessariamente traz transformação.

Este é o fundamento de toda a doutrina. Se Cristo está no centro, a era da Antiga Aliança não pode continuar. Se Ele é o verdadeiro Israel, o povo de Deus não pode ser definido à parte dEle. Tudo o mais que dizemos sobre o supersessionismo decorre naturalmente deste ponto.

Começamos com Cristo porque os apóstolos começam com Cristo. E uma vez que você entende o que eles entendem, o restante da argumentação se desenrola com força e clareza.

Tese 2

— O Povo de Deus é Agora Definido Cristológicamente, Não Etnicamente —

Se Cristo é o verdadeiro Israel, então o próximo passo é inevitável e inescapável: o povo de Deus é determinado pela união com Ele, não por laços de sangue, genealogia ou ascendência étnica. O Novo Testamento não apenas menciona

isso de forma sutil; ele crava essa ideia no coração dos marcos divisórios da Antiga Aliança. O muro da separação não é abaixado. Ele é demolido. E a definição de “povo de Deus” é reconstruída inteiramente em torno de Cristo.

Paulo deixa isso tão claro quanto qualquer doutrina nas Escrituras. Roma era uma igreja dividida, oscilando entre a confiança judaica no privilégio ancestral e a confiança gentia em seu lugar recém-descoberto na aliança. Paulo se recusa a bajular qualquer um dos grupos. Ele diz aos judeus que sua descendência física não garante a posição na aliança, e diz aos gentios que sua inclusão não é uma substituição, mas um enxerto na única árvore existente. Quando ele diz que um verdadeiro judeu é aquele que é interiormente, cuja circuncisão é do coração pelo Espírito, ele não está fazendo uma declaração inspiradora sobre piedade. Ele está criando uma divisão teológica entre a Antiga e a Nova Aliança. Ele está dizendo que os marcadores étnicos não definem mais a identidade da aliança. Cristo define.

É por isso que ele diz à igreja romana que nem todos os descendentes de Israel pertencem a Israel. Essa frase por si só derruba todo o sistema moderno que tenta preservar o Israel étnico como um povo da aliança separado. Paulo não está preocupado com o Israel biológico; ele está preocupado com o Israel da aliança. E o Israel da aliança é definido pela promessa, não pela carne; pela fé, não pela genealogia; pela união com Cristo, não pela descendência de Jacó. Uma vez que se compreende isso, a ideia de um povo duplo ou de uma estrutura de aliança dupla desmorona sob o próprio peso.

A mesma clareza aparece em Efésios. Judeus e gentios, que antes se viam com suspeita, superioridade e exclusão mútua, recebem uma revelação surpreendente: Cristo os tornou um só. Ele uniu dois grupos que se definiam em oposição um ao outro e os transformou em um único novo homem. Não se trata de uma aliança cooperativa ou uma trégua temporária. É uma reconstituição da aliança. Há um só corpo, uma só família, um só templo e um só acesso ao Pai pelo mesmo Espírito. Se a Antiga Aliança criava distinções, a Nova Aliança as sepulta. E as sepulta sob a pedra angular de Cristo.

Pedro reforça isso quando aplica os títulos de Israel diretamente à igreja. Ele não hesita. Não se desculpa. Não acrescenta qualificações. A igreja é uma raça escolhida, um sacerdócio real, uma nação santa, um povo para possessão de Deus. Esses títulos pertenciam a Israel na Antiga Aliança. Agora pertencem à igreja, composta por judeus e gentios. Isso não é poesia teológica; é um fato da aliança. O povo que antes não era povo de Deus agora é, porque está em Cristo, o verdadeiro Israel. E se está em Cristo, então todo privilégio, promessa e marcador de identidade associado a Israel pertence a ele.

Neste ponto, a tensão deve estar clara. Se o povo de Deus é definido por Cristo, então qualquer tentativa de preservar uma identidade étnica com um status especial de aliança após a vinda de Cristo é uma tentativa de reconstruir o que Deus destruiu. O Novo Testamento não abençoa esse projeto. Ele o condena. A ideia de que os judeus mantenham uma condição de povo da aliança separada da igreja é uma negação direta do que Cristo realizou em seu corpo. É uma tentativa de ressuscitar o muro divisório que a cruz derrubou. É, nas palavras de Paulo, uma regressão à carne.

É por isso que o supersessionismo não é uma opção teológica; é a consequência inevitável de levar o Novo Testamento a sério. Os apóstolos se recusam a definir o povo de Deus da maneira como a Antiga Aliança o fazia. Linhagens sanguíneas não podem te incluir. Circuncisão não pode te incluir. Ancestralidade não pode te incluir. Somente Cristo pode. Identidade étnica não te garante um lugar. A união com Cristo, sim. E se você está em Cristo, o testemunho apostólico diz que você é descendente de Abraão e herdeiro segundo a promessa, quer sua linhagem remonte a Jacó ou a uma nação pagã a quase cinco mil quilômetros de distância.

Esta é a realidade da Nova Aliança. O povo de Deus não é mais marcado por sua ligação com a carne de Abraão. É marcado por sua ligação com a Descendência de Abraão. Isso não diminui Israel; pelo contrário, o fortalece. Não apaga as promessas; pelo contrário, as cumpre. Não destrói a árvore; pelo contrário, a edifica em toda a sua glória global, centrada em Cristo.

E quando essa verdade se consolida, todo o debate se transforma. A questão deixa de ser: “Qual é o futuro de Israel?” e passa a ser: “Quem é Cristo e quem pertence a Ele?”. Essa é a linha divisória, e é a essa pergunta que o Novo Testamento responde com clareza inabalável.

Tese 3

— A Promessa da Terra é Expandida Para o Mundo —

Se Cristo é o verdadeiro Israel e o povo de Deus se define pela união com Ele, então a próxima questão surge como uma tempestade no horizonte: O que acontece com a terra? Cada promessa da Antiga Aliança estava ligada ao solo, às fronteiras, ao território, à geografia, à herança. A terra não era um detalhe menor. Era o cerne da identidade de Israel. Então, o que acontece com essa promessa de terra na Nova Aliança? Ela permanece em sua forma antiga? Ela se expande? Ela se restringe a uma faixa moderna de território no Oriente Médio?

O Novo Testamento responde a essa pergunta com um nível de clareza que muitos cristãos hoje se recusam a reconhecer. A promessa da terra não diminui; ela se expande. Não se retrai para Canaã; ela se estende a toda a Terra. A promessa feita a Abraão nunca se resumiu a uma pequena porção de terra no Mediterrâneo. Paulo diz que a Abraão foi prometido “o mundo”. Isso não é alegoria. Não é um truque espiritual. Essa é a interpretação apostólica de Gênesis. A terra sempre foi um sinal, um modelo, uma miniatura do que Deus planejou para toda a criação sob o reinado do Messias.

É por isso que Jesus não diz que os mansos herdarão a Judeia. Ele diz que os mansos herdarão a terra. Ele pega o Salmo 37, um salmo sobre herança de terras, e o universaliza sem hesitação. Ele não diz que a promessa foi cancelada. Ele diz que a promessa foi ampliada. A terra nunca foi à linha de chegada.

Era o campo de treinamento, a sombra, o mapa que apontava para além de si mesma.

Os profetas confirmam isso. Isaías fala de um tempo em que as nações afluem a Sião, não para se apoderarem de sua terra, mas para receberem seus ensinamentos. Miquéias descreve o monte do Senhor elevando-se acima de todos os outros montes, não como um evento geológico literal, mas como a exaltação do reino de Deus sobre todos os reinos da terra. A geografia da Antiga Aliança torna-se a teologia da Nova: a terra torna-se o mundo sob o governo de Cristo.

É por isso que o Novo Testamento jamais instrui os cristãos a se voltarem para promessas territoriais, a reconstruírem as fronteiras da Antiga Aliança ou a esperarem uma reconstituição nacional de Israel na carne. Em vez disso, oferece-lhes uma visão muito mais ampla. Fala de novos céus e uma nova terra, uma Nova Jerusalém global, um reino que se estende de costa a costa e um Messias cujo domínio ultrapassa todas as fronteiras imaginadas na Antiga Aliança. A promessa da terra não desmorona; ela amadurece.

E é aqui que a tensão se cristaliza. Os cristãos modernos que insistem que Israel deve recuperar ou manter a terra para que as promessas de Deus sejam válidas estão cometendo o mesmo erro dos fariseus: reduzindo o reino de Deus ao tamanho de uma tribo. Eles querem que o Redentor do mundo presida uma transação imobiliária. Querem que o Rei cósmico seja um proprietário regional. Querem que Aquele que herdou as nações seja reduzido à área da aliança do Sinai.

O Novo Testamento se recusa a permitir que isso aconteça. Cristo não é o Rei de uma nação. Ele é o Rei dos reis. Ele não é o herdeiro de um único pedaço de terra. Ele é o herdeiro do mundo. E porque a igreja está unida a Ele, a igreja herda o que Ele herda. É por isso que Apocalipse termina não com uma pátria étnica isolada por muros, mas com uma cidade descendo do céu que preenche uma criação renovada. A promessa que começou com Abraão em solo cananeu termina com todo o cosmos recuperado, restaurado e governado por Cristo e seu povo.

A promessa da terra não foi revogada. Ela se cumpriu de forma tão abrangente que ninguém, ainda, consegue perceber isso olhando para um mapa de Israel. A descendência de Abraão governa a terra, não apenas uma faixa dela. E o povo de Abraão — aqueles que pertencem a Cristo — herda toda a criação, não uma herança delimitada por cercas, como a que pertencia a uma aliança temporária.

Esta é a visão da Nova Aliança. A terra se torna o mundo. As fronteiras se tornam globais. A herança se torna cósmica. E toda tentativa de reduzir a promessa à escala da Antiga Aliança é uma recusa em aceitar a vitória de Cristo.

A questão não é se Israel recuperará suas terras. A questão é se Cristo receberá o mundo que lhe foi prometido. E o Novo Testamento declara, sem rodeios ou hesitação, que sim.

Tese 4

— A Circuncisão, o Sacerdócio e os Sacrifícios São Cumpridos e Revogados —

Se a promessa da terra deve ser compreendida à luz da obra consumada de Cristo, então a próxima questão se impõe com igual peso: O que acontece com as instituições da Antiga Aliança que distinguiam Israel das demais nações? Circuncisão, sacerdócio, ritos do templo, sacrifícios — esses não eram acessórios. Eram a espinha dorsal da identidade da Antiga Aliança. Sem eles, Israel não tinha vida de aliança. Mas o Novo Testamento não preserva essas instituições. Não as renova. Não as mantém em paralelo com a nova ordem. Ele as põe fim, cumprindo-as em Cristo.

Não há ambiguidade aqui. As Escrituras não nos apresentam dois sacerdócios operando lado a lado, duas formas de circuncisão com igual importância, dois sistemas sacrificiais — um antigo e um futuro — competindo pela legitimidade da aliança. O Novo Testamento fecha essa porta imediatamente. A circuncisão agora é “feita sem mãos”, não na carne, mas no coração, pelo Espírito. Isso por si só deveria resolver a questão. Se a circuncisão não é mais definida pela faca, mas pela união com Cristo, então todo o sistema da Antiga Aliança que protegia as fronteiras de Israel está acabado. Não há caminho paralelo para os descendentes étnicos de Abraão. Não há mais vantagem da aliança na carne.

O sacerdócio segue o mesmo padrão. O livro de Hebreus não diz que Cristo acrescenta algo à ordem levítica. Diz que o Seu sacerdócio a substitui. Uma mudança de sacerdócio significa

uma mudança de aliança. Não uma atualização. Não uma expansão. Uma mudança. Uma vez que Cristo se estabelece como o Sumo Sacerdote final, a ordem levítica não é simplesmente abolida; torna-se impossível. Não se pode ter dois sacerdócios mediando duas alianças ao mesmo tempo. Não se pode ter a sombra e a substância ministrando lado a lado. Se Cristo representa o Seu povo perante o Pai, então nenhum outro sacerdócio pode subsistir.

O mesmo se aplica aos sacrifícios. As Escrituras não nos permitem imaginar um templo futuro que retome as ofertas de animais. No momento em que Cristo se ofereceu, todo sacrifício anterior foi exposto como temporário. E todo sacrifício que pudesse vir depois seria uma negação de Sua obra consumada. Hebreus afirma isso claramente. Se você ressuscitar o sistema sacrificial, não estará honrando a Cristo; estará insultando-O. Estará dizendo que Seu sangue foi insuficiente, Sua oferta incompleta, Sua cruz insuficiente.

É aqui que os cristãos modernos que se apegam à iconografia do templo futuro precisam ser confrontados. A ideia de que Deus restabelecerá os sacrifícios da Antiga Aliança nos últimos dias não é uma especulação inofensiva. É uma proposta categoricamente contrária ao Evangelho. É o equivalente teológico a construir um altar sobre o Calvário e fingir que o véu nunca foi rasgado. É uma tentativa de recolocar o véu que Cristo rasgou com a Sua própria morte. Nenhum cristão que compreenda o Novo Testamento pode afirmar isso sem se afastar da teologia apostólica.

A circuncisão foi substituída pela renovação do coração. O sacerdócio foi substituído por Cristo. Os sacrifícios foram

substituídos pela oferta única e definitiva do Filho. O templo foi substituído pelo Cristo ressuscitado e pelo Seu povo habitante. Esses não são gestos simbólicos. São realidades da aliança. Toda a estrutura da Antiga Aliança foi projetada para manter Israel vivo até a vinda do Messias. Quando Ele veio, essas estruturas foram concluídas.

E aqui reside a tensão subjacente a todo o debate. Se o próprio Deus desmantelou a circuncisão, o sacerdócio, o templo e o sacrifício, então o sistema que outrora definia a identidade única da aliança do Israel étnico foi desfeito pela própria mão de Deus. Não há como voltar atrás. Qualquer tentativa de preservar o Israel étnico como um povo da aliança após a vinda de Cristo deve ignorar o fato de que as próprias instituições que outrora distinguiam Israel foram cumpridas e removidas. Sem essas instituições, a Antiga Aliança não pode existir. E se a Antiga Aliança não pode existir, então um povo da Antiga Aliança também não pode existir.

Isto não é substituição. Isto é completude. Israel não perde a sua identidade. A sua identidade é assumida, purificada, magnificada e assegurada para sempre em Cristo. Os sinais da aliança que outrora apontavam para o futuro são agora absorvidos n'Ele. As estruturas da aliança que outrora sustentavam a nação agora servem a um reino maior. E o povo da aliança que outrora existia na carne é agora reunido de todas as nações num só corpo através da união com o verdadeiro israelita — o Senhor Jesus Cristo.

É por isso que o supersessionismo não é uma doutrina marginal. Não é uma doutrina severa. É a única doutrina que honra a obra consumada de Cristo. Se os sinais da Antiga

Aliança permanecerem, Sua obra estará incompleta. Se o sacerdócio da Antiga Aliança permanecer, Sua mediação será insuficiente. Se os sacrifícios da Antiga Aliança permanecerem, Seu sangue não purificará. E se o povo da Antiga Aliança permanecer com status de aliança à parte dEle, Seu reino estará dividido.

Cristo não compartilha Sua aliança com as sombras. Ele as cumpre, as põe fim e reina sobre a nova criação que elas anteciparam.

Conclusão desta Parte

Ao concluirmos esta primeira parte, quero que vocês sintam o peso do que as Escrituras nos revelaram. Nada disso é inovador. Nada disso representa um risco teológico. Nada disso pertence à margem da corrente principal. Esta é a leitura direta, apostólica e cristocêntrica da Bíblia que a igreja manteve por séculos, antes que os sistemas modernos turvassem as águas. Cristo cumpre a história de Israel. Cristo completa as alianças de Israel. Cristo transforma as fronteiras de Israel. Cristo herda as promessas de Israel. E Cristo define o povo de Israel.

Quando você percebe isso, toda a ordem da Antiga Aliança se torna clara — não como algo que Deus ressuscitará, mas como algo que Deus já levou ao seu fim determinado em Seu Filho. As sombras cumpriram seu propósito. O andaime sustentou a estrutura tempo suficiente para que a pedra fundamental fosse colocada. E quando Ele veio, todo o projeto amadureceu. A identidade de Israel não desapareceu; ela foi elevada em Cristo,

estendida às nações e reconstruída sobre um alicerce que jamais poderá rachar ou desmoronar.

É por isso que o supersessionismo não é uma doutrina secundária ou um debate para especialistas. É a espinha dorsal teológica do Novo Testamento. Explica a Grande Comissão. Explica o Pentecostes. Explica a unidade da igreja. Explica por que a Nova Aliança não pode coexistir com a antiga. E explica por que qualquer tentativa de preservar o Israel étnico como um povo da aliança separado — agora ou no futuro — é simplesmente incompatível com o evangelho pregado pelos apóstolos.

Mas ainda não terminamos. Na verdade, o que fizemos hoje é apenas metade do caminho. Lançamos o fundamento bíblico: Cristo como o verdadeiro Israel, a igreja como o povo da aliança, a terra expandida para o mundo, as instituições cumpridas e encerradas. Contudo, ainda há mais a ser visto. Devemos examinar a expectativa profética, as advertências apostólicas, os juízos históricos e as implicações teológicas que levam esta doutrina à sua plena conclusão.

Então, junte-se a mim na próxima vez, quando abordaremos a Parte 2: O Argumento Profético, Histórico e Teológico para o Supersessionismo — onde examinaremos como os profetas previram essa transformação, como os apóstolos a interpretaram, como o ano 70 d.C. a sela e por que o próprio evangelho não deixa espaço para qualquer outra visão.

Até lá, mantenha sua Bíblia aberta, sua mente ativa e Cristo no centro. Porque, uma vez que Ele esteja no centro, tudo o mais nas Escrituras se encaixa.

- Parte 2 —

O Caso Histórico

Na semana passada, abordamos uma doutrina que os evangélicos modernos tratam como uma bomba-relógio: o supersessionismo. E antes de prosseguirmos hoje, vamos definir esse termo e até mesmo explicitar o que ele significa:

Não existe uma aliança especial para os judeus modernos.

Não haverá um templo no futuro. Pelo menos não um que tenha qualquer significado bíblico.

Não haverá um renascimento étnico no fim dos tempos para os judeus, de acordo com o cronograma profético de Deus. Sua única esperança — a única esperança para todo judeu — é se converter da religião morta do judaísmo e se prostrar diante de Jesus Cristo. Qualquer coisa diferente disso é uma fantasia que leva à destruição eterna! E é uma rebelião declarada contra o Novo Testamento.

É isso que significa supersessionismo. Significa que os judeus não têm mais um status de aliança único e não têm futuro a não ser se arrependerem e se converterem a Jesus Cristo.

Este não é um conceito acadêmico rebuscado que apenas os estudiosos podem entender. É simplesmente o que o Novo Testamento ensina, e não devemos nos envergonhar disso. E, uma vez que você entenda, a narrativa bíblica, assim como a missão do Reino de Deus na Terra, se revelarão com uma clareza renovada, e é por isso que estamos falando sobre isso.

Bem... Na semana passada, construímos a estrutura da aliança para esta visão: demonstrando que Cristo é o verdadeiro Israel, Ele é o cumprimento de toda aliança e Ele é a pedra angular de uma nova criação e de um povo global formado em união com Ele. Ele é a verdadeira árvore pela qual o Israel da Antiga Aliança e o mundo da Nova Criação serão enxertados. Analisamos isso na semana passada e, se você ainda não viu esse episódio, pause este vídeo e vá assisti-lo.²

NESTA SEMANA... continuamos a arrancar o véu judaico para que possamos ver com clareza e também para que possamos oferecer aos judeus a única esperança que existe no mundo, que é Jesus!

Porque a ideia moderna de que um judeu descrente pode ter e ainda tem o status de membro da aliança... ou que Deus está esperando para restaurar o Israel nacional... ou que um terceiro templo deve ser erguido... não é apenas empatia por nosso irmão mais velho há muito perdido... Essa visão é um ataque direto ao evangelho de Jesus Cristo, que é a única esperança de qualquer pessoa, seja ela judia ou grega, escrava ou livre, homem ou mulher.

² **Nota do tradutor** – o texto deste e-book também foi transmitido em vídeo pelo autor. Para acessá-lo, entre em <https://www.theshepherds.church/blog> e procure pelos temas do supersessionismo.

Para ser bem direto:

Se você acredita que judeus incrédulos, que amaldiçoam Jesus, blasfemam contra Ele em suas descrições e ainda desprezam Sua única e verdadeira noiva, são o povo escolhido de Deus em qualquer sentido do termo, então você está dizendo que a cruz não importou. Você está dizendo que o Calvário, na melhor das hipóteses, foi uma missão secundária para Jesus, onde Ele aceita um povo bastardo enquanto espera que aqueles a quem Ele realmente ama sejam provocados pela inveja e voltem para Ele. As consequências dessa teologia são escandalosas!

Deixe-me ser ainda mais claro... Se você acredita que os judeus modernos, que odeiam seu Senhor e Salvador Jesus Cristo, ainda por consequência de uma genética não comprovada, têm uma aliança com Deus à parte da fé em Jesus Cristo, então você está negando a esperança do Novo Testamento.

Se você acredita que Israel será restaurado sem arrependimento, o que exigiria abandonar sua religião demoníaca e fugir para os braços de Jesus (o que, aliás, os tornaria cristãos), então você está contradizendo o plano de salvação que Jesus lhes ofereceu, que Paulo apresentou com fervor, que Pedro orou por eles e que a Epístola aos Hebreus os convidou a aceitar. Você está criando uma versão fantasiosa da doutrina cristã por algum motivo que não seja a fidelidade ao texto.

Então, hoje, vamos mostrar como os judeus foram excluídos da aliança, que a Antiga Aliança Mosaica foi completamente encerrada, que a única maneira de um judeu ser salvo é crer em Jesus, o que significa que sua etnia e seu judaísmo não têm

absolutamente nenhuma influência em sua salvação. Os judeus, enquanto judeus, não têm status de aliança. A única esperança que eles têm é Cristo. Agora, para provar isso, vamos apresentar o argumento histórico: que as maldições que encerraram a aliança, descritas em Deuteronômio 28 e Levítico 26, foram derramadas sobre a geração de judeus do primeiro século, encerrando assim a antiga aliança. Vamos mostrar como o remanescente fiel, mencionado por Paulo em Romanos 11, já existia no primeiro século. E vamos mostrar como a missão de Deus garante que a única esperança para o mundo é Jesus, e que nunca haverá um retorno ao judaísmo.

Este episódio não é para assinantes da Christianity Today.

Não é para sionistas que recebem dinheiro do AIPAC.

Não é um daqueles clichês de Ted Cruz de que, se você “abençoar o Israel geopolítico”, estará cumprindo a aliança abraâmica.

Mas o que faremos é mostrar o que o Novo Testamento ensina, para que possamos chamar todas as pessoas, judeus e gentios, ao único Evangelho que salva!

Então, sem mais delongas, vamos começar e analisar:

Parte 1

- A Aliança foi Tirada dos Judeus -

Quando Jesus chegou ao topo do Monte das Oliveiras e contemplou Jerusalém na última semana de seu ministério terreno, Ele não estava entrando em uma cidade neutra. Ele estava entrando na cidade comparada à vinha de Deus, o único

lugar na Terra obrigado por aliança a dar frutos para Javé. E, por mais de um milênio, o Senhor havia cultivado essa vinha, podado-a, regado-a, advertido-a, disciplinado-a e enviado profeta após profeta para cultivá-la.

Mas agora chegara o momento final. O próprio Dono entrava na cidade montado em um jumento, cavalgando como Rei para inspecionar Seu reino, e quando chegou, encontrou o mesmo que sempre encontrara: folhas sem frutos, rituais sem justiça, religião sem arrependimento. A cidade que deveria ser uma figueira carregada de figos ofereceu a Jesus apenas folhas no Domingo de Ramos, demonstrando que tudo não passava de aparência, sem substância. Seu templo era um magnífico cadáver. Seus sacerdotes eram túmulos caiados. Seus líderes eram cálices polidos cheios de veneno mortal. Tudo em Jerusalém, naqueles dias, parecia vivo à distância, reluzindo com as folhas da antiga glória, mas de perto era árido, frágil e vazio.

Foi por isso que Jesus amaldiçoou a figueira. Não era uma lição de jardinagem; não era Jesus estando com fome; era um veredito da aliança. No Antigo Testamento, a figueira representava Judá. A árvore infrutífera à beira da estrada simbolizava a condição estéril dos judeus do primeiro século... Eles tinham toda a folhagem e o verde, mas nenhum fruto que desse vida, e foi por isso que Ele a condenou! Como um símbolo do que estava prestes a acontecer com aquela geração. Quando Ele amaldiçoou aquela árvore miserável, a maldição ecoou muito além de sua casca, até a cidade que se erguia ao longe. Ele estava pronunciando julgamento sobre toda a ordem da Antiga Aliança. “Ninguém jamais comerá fruto de ti” não era apenas uma denúncia daquela pequena árvore seca, mas também que, em breve, ninguém viajaria a Jerusalém para conhecer a

Deus. O fruto seria dado pelo Espírito Santo a pessoas em toda a Terra que viessem a conhecer o verdadeiro Jesus do templo. Aquelas palavras, proferidas naquela manhã, foram direcionadas além da árvore. Foram direcionadas ao próprio Monte do Templo.

Por isso, quando se voltou para os seus discípulos, apontou diretamente para Jerusalém e disse: “Se vocês falarem a este monte e ordenarem que ele seja despedaçado e lançado ao mar, ele lhes obedecerá”. O pronome demonstrativo “este” não deixa dúvidas: Jesus estava falando do monte bem à sua frente, que sustentava o templo infrutífero, o monte que definia o judaísmo na prática. E declarou que o monte daquela Antiga Aliança seria arrancado pela raiz e submerso nas profundezas do mar. O que, se você conhece a história, aconteceu por ordem dos romanos. Através de Flávio Josefo, aprendemos que os exércitos de Tito despedaçaram completamente o monte que abrigava a cidade de Jerusalém, arrancaram suas pedras até os alicerces e lançaram toda a instituição do judaísmo do templo em seus barcos, no mar, onde perderia todo o seu significado da aliança, tornando-se meros objetos e tesouros de pagãos.

Jesus deixou isso ainda mais claro em Suas parábolas que se seguem imediatamente à maldição da figueira. Veja bem, Ele deixou à figueira, marchou direto para a cidade, foi até o centro e imediatamente entrou em diálogo com os poderosos judeus de Sua época, contando três parábolas de condenação em sequência. Essa é a única maneira de essas parábolas, encontradas em Mateus 21-22, fazerem sentido.

Por exemplo, olhando diretamente nos olhos dos fariseus, Jesus falou sobre dois filhos em Mateus 21, expondo a hipocrisia

deles. Segundo a lógica da parábola, eles vinham dizendo com os lábios, durante séculos, “Obedeceremos a Deus”, mas, durante esses mesmos séculos, seus corpos se recusaram. É por isso que Jesus lhes diz que os cobradores de impostos, os pecadores e os gentios entrariam no Reino antes deles. Pensem nisso. Os judeus odiavam os cobradores de impostos e os pecadores, desprezavam os samaritanos e as prostitutas, mas Jesus lhes disse que o Reino da Nova Aliança, que todos eles aguardavam, passaria por eles. E todos aqueles que eles consideravam pecadores desprezíveis entrariam antes deles. Isso demonstra claramente que os judeus do primeiro século eram particularmente perversos. Mas também prova que a aliança que os judeus eram responsáveis por administrar, enquanto o mundo aguardava a vinda do Rei da Nova Aliança, estava chegando ao fim. E os beneficiários deste Novo Reino da Aliança não seriam os administradores do antigo. Como Denathor, eles cairiam em uma morte ardente para abrir caminho para o Rei vindouro.

Na segunda parábola que Jesus contou aos judeus, Ele intensificou ainda mais o tom, narrando a parábola da vinha no final de Mateus 21. Jesus contou toda a história da rebelião de Israel em um único fôlego. Ele disse a eles, citando Isaías 5:1-7, que Deus havia plantado o seu povo como uma vinha. E, ironicamente, segundo Jesus, a aristocracia judaica que estava diante Dele não fazia parte do povo de Deus. Eles não eram a vinha. Eram trabalhadores contratados, empregados pelo Dono da Vinha, que é Deus, para cuidar do povo de Deus até a colheita. E, no entanto, em uma reviravolta ainda maior da ironia, foram esses trabalhadores contratados, a liderança judaica, que Jesus culpou pela morte dos profetas, pela morte do Filho primogênito, e como punição por sua desobediência a Deus ao longo de séculos, a sentença foi proferida.

“O reino será tirado de vocês e entregue a um povo que produza os seus frutos”.

- Mateus 21:43

Não apenas os cobradores de impostos e as prostitutas entrarão no Reino antes dos judeus, mas Jesus intensifica a mensagem dizendo que a maioria deles nem sequer entrará... O Reino seria arrancado desses líderes ímpios. Sim, eles eram judeus de sangue, sim, tinham a linhagem hebraica, sim, tinham a pontuação certa no teste de ancestralidade, sim, eram os filhos biológicos de Abraão, mas seriam perdidos e separados de Javé porque se importavam mais com suas linhagens e herança do que com o Deus que veio em carne para visitá-los!

E aqui está algo que precisamos entender sobre esta parábola. Jesus não está prometendo um cumprimento temporário. Ele não está dizendo que o Reino da aliança será tomado por um tempo, ou mesmo por dois milênios, mas para sempre. O Reino será tomado, sem ressalvas, sem promessa de retorno. Não será guardado para um milênio futuro. Será tomado.

E então, na parábola final desta tríade, a parábola da festa de casamento, Ele tornou o julgamento deles tão claro e visceral quanto jamais foi declarado. Ele os comparou àqueles que foram convidados pelo Rei (Deus) para uma festa de casamento, mas foram eles que se recusaram a vir. E o que o Rei faz a respeito? Ele não implora nem suplica. Após séculos de bondade, Ele atinge o seu limite e envia os seus exércitos para destruir a cidade deles, reduzindo-a a cinzas, porque eles não quiseram vir ao casamento do Seu Filho. Isso não é uma metáfora ou um exagero dramático. Jesus estava dizendo ao Sinédrio, aos

escribas e aos fariseus que eles seriam queimados, destruídos da sua aliança, porque recusaram o Rei da Nova Aliança e o Seu Filho! Isso sem dúvida aconteceu quando Deus usou os romanos como arma contra eles entre 68 e 70 d.C., e o resultado final foi que a cidade deles foi incendiada e reduzida a cinzas fumegantes. A parábola se concretizou com uma clareza assustadora e eles foram separados de sua aliança.

Até mesmo a famosa pergunta sobre impostos, mais adiante no capítulo, não era uma lição sobre os antigos mercados financeiros ou civismo. Era uma denúncia da aliança. Quando Jesus ergueu o denário romano e perguntou: “De quem é esta imagem?”, Ele estava expondo a verdadeira lealdade deles. Eles não carregavam a imagem de Deus; em sua rebelião, ostentavam a marca do César pagão. Jesus estava lhes dizendo que haviam sido forjados na moeda de César, e a terrível implicação era que Deus os entregaria ao seu mestre e Senhor. Quando Ele disse: “Dai a César o que é de César”, certamente estava querendo dizer: “Vocês pertencem a Ele agora”. “Vocês serão entregues a Ele”. E, em quarenta anos, foram.

Então Jesus proferiu sete ais sobre eles, declarações verbais de maldições da aliança que seriam derramadas sobre eles, listadas em Mateus 23. Quando Ele bradou essas acusações contra eles, Sua voz cortou os pátios do templo como um trovão. E, infelizmente, poucos percebem o que Ele estava fazendo ao fazer isso. Ele não estava reclamando deles, Ele não estava preocupado com eles, Ele os estava condenando! Ele estava anunciando uma fórmula de maldição da aliança detalhada em Deuteronômio 28 e Levítico 26, que explicitava o que aconteceria com eles. Eles seriam a geração excluída da aliança, sujeita a terríveis maldições, de modo que seus cadáveres

manchariam as colinas da Judeia e serviriam de alimento para os abutres que sobrevoavam a região. Ele lhes diz que eles, sozinhos com sua casa — o templo, a cidade, a nação — seriam deixados desolados, porque haviam completado a medida da culpa de seus pais, e o julgamento viria dentro de uma única geração.

Por isso, Jesus começa Mateus 24 dizendo que o templo seria destruído tijolo por tijolo. Como falsos messias surgiriam e encheriam a nação de uma esperança falsa e imoral. Ele descreveu guerras e rumores de guerras abalando o Império Romano. Falou de nação se levantando contra nação, terremotos devastando a terra e fomes assolando o povo. Advertiu seus discípulos sobre prisões, açoites na sinagoga, traições por parte de familiares e o ódio aos cristãos por todos os povos étnicos. Alertou sobre uma crescente apostasia judaica, a transgressão da lei hebraica, o esfriamento do amor entre os judeus, falsos profetas judeus se multiplicando como uma praga de moscas e uma situação na Judeia onde a própria verdade parecia ruir sobre si mesma. Disse que o evangelho seria pregado em todo o mundo romano antes do fim da antiga aliança, e isso se cumpriu exatamente como Ele havia dito. Ele alertou sobre a abominação da desolação, sobre Jerusalém cercada por exércitos, sobre a desolação se tornando inconfundível, sobre mães amamentando bebês durante um cerco, sobre pessoas correndo para salvar suas vidas sem tempo para pegar uma capa, sobre uma tribulação tão violenta que nada na história de Israel poderia se comparar a ela.

E tudo aconteceu. Exatamente como ele previu (como comprovamos em nossa série sobre Mateus 24, caso você queira um relato mais detalhado em quase 20 episódios).

Mas, basta dizer que Sua profecia se cumpriu... Os abutres sobrevoavam. A cidade apodreceu. O sol do mundo da aliança de Israel se apagou. O templo ardeu como palha seca. A espada de Deus, o terrível Dia do Senhor, caiu sobre o povo. O sangue encheu as ruas até a altura das panturrilhas dos cavalos romanos, até que, como disse Josefo, escorreu pelos degraus do santuário, pintando as ruas em chamas. Crianças foram massacradas e assadas nas chamas. Famílias morreram de fome. Homens foram crucificados até que não restasse mais madeira para fazer as cruzes. Os sobreviventes, os poucos que restaram, foram arrastados e jogados em minas de sal egípcias, ou desfilados pelas ruas de Roma para mostrar ao mundo sua dominância (como retratado na Arca de Tito).

Jerusalém foi pisoteada pelos gentios. Uma nação outrora chamada primogênita de Deus foi dispersa aos quatro ventos e removida de sua posição na aliança. Tudo o que Jesus disse que aconteceria antes do fim daquela geração se concretizou com assustadora precisão. Não se tratava de um evento futuro. Era um julgamento da aliança que, se você dedicar um mínimo de tempo à pesquisa, verá se desenrolando em tempo real.

Os apóstolos sabiam exatamente o que estava acontecendo ao seu redor. Paulo advertiu sobre a ira reservada para Israel. Ele disse que o endurecimento de seus corações era um ato da vingança e do julgamento de Deus contra eles. Sua cegueira e tropeços foram iniciados divinamente, e seus ramos foram quebrados pelo viticultor devido à sua incredulidade. Pedro disse que o fim de todas as coisas estava próximo, o que não significa o fim do mundo, mas o fim de tudo relacionado ao mundo da Antiga Aliança. Tiago disse que o Juiz estava à porta, pronto

para fazer os judeus chorarem e uivarem em miséria (Tiago 5). Hebreus disse que a Antiga Aliança não estava apenas desaparecendo — estava se dissipando como fumaça e prestes a sumir... Por quê? Porque Deus estava trazendo seu cumprimento na vinda de Cristo. João, em suas epístolas, disse que era a última hora. Não do mundo, mas da aliança judaica. Judas disse que o julgamento sobre os ímpios era iminente, e de fato era. O Apocalipse, repetidas vezes, anunciava que a grande cidade onde o Senhor foi crucificado — Jerusalém (também chamada de Babilônia, Sodoma e Gomorra no Apocalipse de João) — estava prestes a beber para sempre o cálice da fúria de Deus. Cada livro do Novo Testamento ressoa com o mesmo refrão urgente. A era da antiga aliança estava ruindo, e aqueles que se apegassem a esse sistema morto afundariam no fundo de um mar de ira como Jack agarrado a um pedaço de madeira do Titanic.

E foi exatamente isso que aconteceu. Quando Jerusalém foi incendiada e o templo caiu, Deus estava eliminando permanentemente todo símbolo e sombra que apontava para Jesus, para que ninguém jamais concluísse que esses símbolos seriam usados novamente! O verdadeiro e melhor chegou! Os símbolos e sombras foram eliminados. A aliança à qual pertenciam foi encerrada. Suas instituições foram dissolvidas. Seu sacerdócio foi apagado. Seus sacrifícios foram encerrados. Seu templo foi destruído. Sua cidade foi julgada. Sua nação foi deserdada. Sua linhagem e descendência foram tornadas inúteis. De modo que o único CAMINHO, a ÚNICA VERDADE e a ÚNICA VIDA que você poderia encontrar, a partir daquele momento, seria em Jesus Cristo. Não voltaremos às sombras porque o perfeito chegou!

Em termos mais simples, esta é a mensagem que o Novo Testamento apresenta: Deus fez uma aliança com Israel, e Israel a quebrou repetidamente. No momento certo, Jesus veio como o teste final e supremo de sua fidelidade, e eles também o rejeitaram. Por causa dessa rejeição, Deus encerrou completamente a Antiga Aliança — seu templo, seu sacerdócio, seus sacrifícios, sua nação e seu status especial. De modo que não importa mais qual seja sua linhagem, a única coisa que importa é se você foi lavado no sangue do Cordeiro.

Foi isso que Jesus ensinou, foi isso que os apóstolos pregaram, e essa é a essência do supercessionismo: os judeus, enquanto judeus, precisam abandonar o judaísmo, arrepender-se e seguir Jesus, ou serão condenados junto com seus ancestrais. E nós, a igreja cristã, precisamos parar imediatamente de dançar com a prostituta da Babilônia. Precisamos parar de flertar com a prostituta de Oséias. Precisamos sair da cama dos judeus que odeiam a Cristo e servir fielmente ao nosso Noivo para sempre.

E isso nos leva a...

Parte 2

- O Avivamento do “Fim dos Tempos” Já Ocorreu -

Em meio a toda a linguagem sobre julgamento, fogo, desastre e o fim da aliança dos judeus, há também um pequeno vislumbre de esperança de que alguns deles, de fato um remanescente, serão salvos. Ora, isso não se trata, como muitos comentaristas argumentam, de um fim da história humana, um reavivamento

em grande escala de todo o povo judeu. Não é isso que Paulo defende em Romanos 11, que analisaremos com mais detalhes nas próximas semanas. Mas, por ora, basta dizer que, quando Paulo afirma: “No tempo presente, há um remanescente, segundo a graça escolhida por Deus”, ele está indicando que nem todos os judeus do primeiro século sofrerão o desastre. Aqueles que se apegaram à sua identidade judaica, à religião judaica e à sua linhagem seriam consumidos pela fúria de Deus. Mas aqueles que abandonassem a religião da Antiga Aliança e se prostrassem diante de Jesus Cristo seriam salvos, embora, infelizmente, fosse apenas um remanescente.

E aqui está o ponto que precisamos lembrar. Quando Paulo menciona esse remanescente, que ele viu com seus próprios olhos, se desenvolvendo e crescendo por todo o mundo romano, ele não estava falando de um avivamento no fim da história da humanidade. Ele estava nos dizendo que notava um grande número de judeus se arrependendo e se convertendo a Jesus, o que é absolutamente surpreendente, se pararmos para pensar. Milhares, talvez até centenas de milhares de judeus, que cresceram em um mundo centrado no templo, estavam abandonando tudo o que conheciam para seguir a Cristo, e Paulo está nos revelando que este é um evento de importância monumental! De fato, sua presença no primeiro século não apenas cumpre Romanos 11, mas praticamente garante que nenhum futuro avivamento judaico ocorrerá!

Então, por um momento, gostaria de esboçar para vocês a profundidade e a abrangência desse reavivamento judaico. Quantas pessoas se converteram a Cristo antes que o julgamento de Deus caísse sobre seus compatriotas? E como isso confirma a doutrina da supersessionismo? Essa é a nossa tarefa nesta seção,

e demonstraremos isso novamente em todo o Novo Testamento.

Por exemplo, antes mesmo do livro de Atos ser aberto, antes da descida do Espírito Santo, antes do Pentecostes incendiar o mundo, as primeiras faíscas do remanescente judeu já brilhavam. O que quero dizer? Bem... Muito antes do Calvário, israelitas crentes começaram a se reunir ao redor do berço de Jesus, 70 anos antes da destruição de sua nação. Aqui estão alguns exemplos. Zacarias e Isabel se converteram a Ele, sendo dois dos primeiros membros desse remanescente judeu. Maria, uma judia filha de Israel, recebe a palavra de Deus com a fé de Abraão e canta um salmo de cumprimento da aliança. José, um filho de Davi, obedece ao sonho de Deus sem hesitar, o que significa que Ele se tornou cristão e o veremos novamente no céu. Simeão, o ancião que viu o menino Jesus no templo, carrega a consolação de Israel em seus braços e profetiza o alvorecer da nova era. Ana, uma profetisa idosa da tribo de Aser, corre do templo para anunciar a todos que a redenção de Jerusalém havia chegado. Esses não eram buscadores aleatórios. Eles são um retrato da espinha dorsal de Israel, os fiéis silenciosos que mantiveram a velha lâmpada acesa durante a longa noite entre Mateus e Malaquias, e agora se alegram ao ver que sua esperança tão esperada finalmente chegou!

Avançando um pouco no tempo... Lá você encontrará João Batista, que surge como Elias às margens do Jordão, convocando Israel ao arrependimento. E as multidões vinham para se arrepender. E lembre-se, elas não vinham como gentios; vinham como judeus, confessando seus pecados, entrando naquele rio histórico, dando as costas à hipocrisia dos sacerdotes de Jerusalém, para que pudessem se preparar para o Cordeiro de

Deus que viria e tiraria o pecado do mundo! É a primeira linha divisória pública dentro de Israel — a linha entre a liderança endurecida e quebra-alianças e o Israel humilde e arrependido, que seguia Jesus. João está formando um remanescente que em breve receberá o Cristo, já desde o início de seu ministério na Jordânia.

Quando Jesus iniciou seu ministério, o remanescente já não era mais uma faísca, mas uma fogueira. Os doze apóstolos eram todos homens judeus que estavam abandonando a fé da antiga aliança e foram escolhidos como os alicerces do novo povo da aliança. Ao redor deles, reunia-se um grupo maior de discípulos judeus, homens e mulheres da Galileia, Judeia e regiões vizinhas, que começaram a formar uma multidão significativa. Sabemos que nem todos eram eleitos, pois muitos o abandonaram. Mas sabemos que algo significativo estava acontecendo com um remanescente dentro de Israel, como Paulo corretamente observa em Romanos 11.

A esse pequeno grupo de seguidores em ascensão, Jesus lembra que Deus Pai lhes deu de bom grado o reino. Que reino? O Reino da Antiga Aliança, tomado dos judeus e renovado nEle.

Como sabemos disso? Bem... o Evangelho de João confirma que muitos entre as multidões creram em Jesus durante as festas, nos pátios do templo e nas vielas de Jerusalém (João 2:23; João 7:31). Nicodemos, o mestre de Israel, começa com perguntas (João 3:1-10), depois vai à noite (João 3:1-2) e, finalmente, permanece corajosamente no túmulo com especiarias caras (João 19:39). José de Arimateia, um rico membro do conselho, crê e oferece seu próprio túmulo ao Rei crucificado (João 19:38; Mateus 27:57-60). Depois que Lázaro ressuscita dos mortos,

muitos judeus abandonam a ordem estabelecida para seguir Jesus, para grande desgosto dos fariseus (João 11:45-48). O remanescente estava se formando dentro dos próprios muros de Israel muito antes de os gentios sequer entrarem em cena.

Quando o livro de Atos começa, a faísca já havia se transformado em um pequeno incêndio. O Pentecostes irrompe, e os homens reunidos em Jerusalém são explicitamente chamados de judeus — judeus devotos, judeus da aliança, judeus da diáspora de todas as nações. E então, três mil ou mais deles creem em um único dia e se tornam cristãos. Depois, dia após dia, mais judeus afluem para a igreja. Por exemplo, cinco mil homens judeus creem após o sermão de Pedro no Pórtico de Salomão, o que significa que eles estavam abandonando a fé dos fariseus e crendo firmemente em um Nazareno crucificado e ressuscitado. Este não foi um evento insignificante na história do povo judeu.

Nos primeiros capítulos de Atos, encontramos uma igreja totalmente judaica adorando a Jesus: ainda com seus antigos rituais de adoração judaicos, ainda participando das festas judaicas, ainda vivendo uma vida comunitária predominantemente judaica, ainda cuidando de suas viúvas judias, sendo liderada por apóstolos judeus, enchendo o céu com orações que soavam judaicas, com um número crescente de discípulos judeus preenchendo as ruas de Jerusalém com a mensagem da vida em Cristo. Isso não se qualifica como o remanescente de Paulo? Isso não é um avivamento?

Observe que o primeiro grande conflito dentro da igreja não é entre judeus e gentios, mas entre viúvas judias helenísticas e viúvas judias que falavam hebraico. Isso nos mostra que, em sua

grande maioria, a igreja em crescimento descrita em Atos começou como uma igreja judaica, composta por judeus crentes que agora se curvavam diante de Jesus! Esse problema só ocorre quando milhares de judeus crentes estão lutando para descobrir como viver para Cristo.

Então surge uma das declarações mais impressionantes do Novo Testamento: Lucas nos diz que “muitos sacerdotes estavam se tornando obedientes à fé” (Atos 6:7). Os sacerdotes — os homens cuja própria identidade está ligada ao templo, aos sacrifícios, às festas e às sombras — estavam começando a se afastar do judaísmo da Antiga Aliança e a se converter a Cristo. Não seria este um remanescente substancial? Não seria isso considerado um tremendo reavivamento entre os judeus de coração endurecido?

À medida que o evangelho se espalha, a estratégia missionária de Paulo revela quão grande e disseminado era o remanescente judeu. Ele entra em sinagogas por todo o império — Antioquia da Pisídia, Icônio, Tessalônica, Bereia, Corinto, Éfeso — e em cada cidade, havia judeus de carne e osso que creram. Muitos judeus creram. Em Bereia, Lucas diz que “muitos deles” creram, referindo-se diretamente aos judeus na sinagoga. Crispo, o chefe da sinagoga na cidade de Corinto, crê em Jesus, juntamente com toda a sua família. Apolo aparece — um judeu alexandrino poderoso nas Escrituras — e se converte, tornando-se um pregador imponente do Cristo ressuscitado. Áquila e Priscila, fabricantes de tendas judeus, o discipulam ainda mais nos ensinamentos de Cristo e se juntam à equipe missionária de Paulo. Quando Paulo retorna a Jerusalém, perto do final de Atos, Tiago olha-o nos olhos e diz: “Vês, irmão, quantos milhares há entre os judeus que creram” (Atos 21:20). Dezenas

de milhares, diz Tiago. Miríades e miríades. Um número tão grande que Lucas precisa usar uma linguagem normalmente reservada para regimentos do exército para descrevê-los. Não é este o remanescente que Paulo descreveu com seus próprios olhos? Não é este um reavivamento interior judaico?

E é exatamente isso... As cartas de Paulo confirmam isso a cada passo. Ele se identifica como um israelita, um benjamita, um hebreu de hebreus — mas alguém que abandonou a justiça da Antiga Aliança pela justiça de Cristo. Ele fala de “nós, que somos judeus por natureza”, escrevendo como um judeu que sabe que a justificação vem somente pela fé em Jesus. Ele saúda os colaboradores judeus que estavam em Cristo antes dele. Ele se refere à igreja como o Israel de Deus, um termo que seria completamente sem sentido se não houvesse crentes judeus formando o núcleo vivo desse novo povo criado. Toda a sua teologia do “novo homem” em Efésios pressupõe crentes judeus ao lado de crentes gentios em união igualitária sob a aliança. Não é esse o ponto central de Romanos 1, 2 e 3?

Pense nas Epístolas Gerais e em como elas partem exatamente da mesma premissa. Tiago escreve às doze tribos dispersas entre as nações — tribos que confessavam Jesus como seu Senhor. O que significa que eram cristãos! Pedro se dirige à diáspora — usando a linguagem do antigo exílio de Israel — e os chama de raça escolhida, sacerdócio real, nação santa. Por quê? Porque se apegaram aos tipos e sombras da aliança? Eu acho que não! Porque eram o remanescente fiel que se ajoelhou diante de Jesus Cristo! Hebreus adverte os judeus cristãos a não retornarem às sombras do templo, provando que um número substancial de judeus já havia deixado Moisés por Cristo antes de 70 d.C. Apocalipse nos diz que até cento e quarenta e quatro mil

israelitas foram selados em Jesus, mostrando-nos que um remanescente judeu fiel foi preservado por Deus, mesmo em meio ao cataclismo que se abateu sobre a nação que rejeitou seu Rei.

Quando Paulo diz em Romanos 11 que há um remanescente presente, ele está usando o verbo no presente do indicativo ativo, o que significa que estava acontecendo diante dele! Ele não estava falando em enigmas ídiche sobre um futuro incerto. Ele está apontando que os judeus fiéis na época do nascimento de Jesus, os judeus arrependidos sob a liderança de João, os judeus crentes durante o ministério de Jesus, os líderes judeus que seguiam a Cristo, os milhares e milhares de judeus convertidos em Jerusalém, as multidões de judeus por todo o império, os apóstolos judeus, os colaboradores judeus, as congregações judaico-cristãs, os judeus que receberam cartas apostólicas e o selamento simbólico dos israelitas fiéis em Apocalipse, todos estavam entrando nesse remanescente, como sugere Romanos 11:5.

Eis por que isso importa. Um remanescente só existe quando o corpo maior foi julgado. Pense no remanescente que sobreviveu e entrou na terra prometida, ou no remanescente de 7.000 poupados nos dias de Elias, ou no remanescente que sobreviveu ao exílio. Em cada um desses casos, a maioria da nação foi levada ao julgamento e à morte, enquanto alguns foram separados para a salvação. É exatamente isso que acontece quando Jesus volta. A maioria deles enfrenta a maldição final da aliança por rejeitar o seu Senhor. E alguns, até mesmo muitos pela graça de Deus, foram poupados e trazidos para o Seu Reino eterno. Eles se tornaram uma Nova Jerusalém,

juntamente com os gentios crentes, que substituiria a antiga Jerusalém caída.

Esta é a verdade incontornável, e é por isso que a menção de Paulo a um remanescente é tão profundamente importante. É a prova viva e concreta de que Deus já transferiu a aliança para Cristo e para aqueles que Lhe pertencem. É a prova de que a velha ordem havia acabado. É a prova de que, como Noé e sua família, apenas alguns foram poupados da destruição, e é a prova de que não existe uma aliança judaica paralela ao evangelho. Há um remanescente salvo da destruição porque aquela antiga aliança estava chegando ao fim, e a única maneira de serem salvos era abandonar o barco e se agarrar à jangada salvadora de Jesus. E, certamente, é a prova de que a única esperança futura para os judeus é a mesma esperança oferecida aos gentios: o Rei crucificado e ressuscitado.

O que nos leva à parte final do episódio de hoje.

Parte 3

- A Missão está Sob Um Só Nome -

Quando a poeira daquele grande colapso baixou — quando a fumaça do mundo da Antiga Aliança se dissipou como o último suspiro de um moribundo — apenas uma coisa permaneceu de pé nos escombros: o Cristo ressuscitado e Sua Igreja. Toda a estrutura de privilégio étnico, superioridade genética e legado hebreu havia caído. O templo virou cinzas. O sacerdócio, uma lembrança ensanguentada. Os sacrifícios chegaram ao fim. As genealogias foram afogadas no sangue e no fogo do ano 70 d.C. A única coisa que Deus preservou, a única coisa que Ele honrou,

a única coisa que Ele levou adiante para a era alvorecente da Nova Aliança foi Seu Filho e o povo que Lhe pertence, de ambos os Testamentos. É por isso que a missão de Deus se restringiu a um único ponto de exclusividade inabalável: todo homem, toda mulher e toda criança — judeu ou gentio — daquele momento em diante, se quisessem ser salvos, deveriam passar pela estreita porta de Cristo! Ou jamais passariam! Nem então. Nem agora. E jamais em nosso futuro!

É por isso que o supersessionismo é uma doutrina tão importante, porque é a única maneira de dar sentido à urgência frenética que explode das páginas do Novo Testamento. Os apóstolos não pregam como homens acalmando uma nação adormecida com canções de ninar sobre um futuro avivamento. Eles pregam como bombeiros batendo na porta de uma casa em chamas. Eles dizem a Israel que o julgamento começou, que a aliança em que confiavam desmoronou e que a única porta que resta é a do Crucificado, cujas feridas ainda imploram por misericórdia. Eles oferecem Cristo porque não há mais nada a oferecer. Eles oferecem Cristo porque tudo o mais foi reduzido a tocos. Eles oferecem Cristo porque somente Ele sobreviveu ao fogo.

É por isso que Paulo se emociona com Romanos 9 como um homem contemplando um campo de batalha. Seus compatriotas não estão adormecidos em uma sala de espera profética; eles estão amaldiçoados, separados, fora da única aliança que Deus agora honra. Seus séculos de vantagens — adoção, templo, lei, promessas, patriarcas — jazem ao seu redor como destroços de um naufrágio, incapazes de salvar a menos que Cristo os revigore. É por isso que Romanos 10 explode como o Sinai dilacerado. Israel possui zelo, mas não justiça. Eles se apegam a

Moisés, mas Moisés os toma pela mão e os conduz diretamente ao Nazareno. A única justiça que resta no mundo é a justiça que vem pela fé em Jesus Cristo, e Paulo submete o mundo inteiro a esse único mandamento. Há um só Senhor sobre todos. Uma só salvação oferecida a todos. Um só caminho aberto a todos. Não há elevador judaico para o céu. Não há atalho étnico ao redor da cruz. Se um judeu é salvo, ele é salvo exatamente como um gentio é salvo — confessando Jesus como Senhor e crendo que Deus o ressuscitou dos mortos.

É por isso que Romanos 11 se recusa a lisonjear o Israel incrédulo com sentimentalismos piegas. Paulo não lhes diz que sua incredulidade é uma nobreza temporária. Ele diz que são ramos cortados, caídos na terra. E, a menos que se arrependam, permanecerão na terra. Se algum dia voltarem, terão que vir por meio de Cristo. Terão que vir como cristãos. Paulo não deixa espaço para uma aliança étnica que floresça à parte da fé. Deus enxerta somente por meio de Cristo. Deus restaura somente por meio de Cristo. Deus salva somente por meio de Cristo.

O restante do Novo Testamento se une a ele em perfeita sintonia. Gálatas declara que nem a circuncisão nem a incircuncisão significam nada — apenas uma nova criação. Efésios nos diz que o muro da separação não é abaixado, nem amolecido, nem preservado para uma dispensação futura — ele é reduzido a pó na carne dilacerada de Jesus Cristo de forma tão completa que qualquer tentativa de reconstruí-lo é um ato de guerra contra a cruz. Hebreus declara com finalidade profética que a Antiga Aliança está obsoleta, envelhecida, desaparecendo — seu sacerdócio dissolvido, seus sacrifícios eclipsados, suas sombras evaporadas diante do esplendor do Filho. Apocalipse

sela o remanescente fiel de Israel, não porque eles carregam o sangue de Abraão, mas porque carregam o Nome do Cordeiro.

Este é o mundo que os apóstolos vos entregam. Um mundo onde todos os caminhos, exceto um, foram fechados pelo julgamento divino. Um mundo onde a salvação não está mais atrelada à linhagem, mas gravada em Cristo. Um mundo onde a aliança foi arrancada das mãos incrédulas do Israel e entregue às mãos perfuradas do Messias. Um mundo onde o verdadeiro Israel de Deus é a igreja — judeus e gentios juntos, edificados em um só templo vivo, um só sacerdócio real, uma só nação santa. Um mundo onde a missão de Deus flui de uma só fonte, uma só aliança, um só Rei.

E esse Rei não é Abraão. Esse Rei não é Israel. Esse Rei não é a terra, o templo ou a linhagem. Esse Rei é Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Leão de Judá, a Raiz de Davi, o Senhor de todas as nações, o herdeiro de todas as promessas que Deus já fez. Não há salvação fora dEle. Não há aliança separada dEle. Não há futuro para os judeus — ou para qualquer outra pessoa — além dEle. Tudo agora se sustenta ou cai somente em Cristo.

É por isso que o supersessionismo não é um slogan. Não é uma nota de rodapé. Não é um enfeite teológico para os academicamente aventureiros. É a essência do Novo Testamento, a lógica do Pentecostes, a gramática da redenção, a arquitetura da era vindoura. É o estrondo que anuncia que Deus coroou Seu Filho, que as nações Lhe pertencem, que o velho mundo passou e que a nova criação já começou. Há agora um só povo da aliança. Um só reino. Uma só missão. E um só Nome debaixo do céu pelo qual todos devem ser salvos. O Dele.

E isso nos leva à nossa conclusão.

Conclusão Desta Parte

Quando você remove o sentimentalismo sionista, a bajulação política do Israel moderno e a estupidez teológica de homens como Theodore Cruz, o Novo Testamento lhe entrega uma verdade brilhante: Cristo não veio para afirmar as bênçãos do povo da Antiga Aliança, Ele não a ofereceu como uma amante com quem a igreja pudesse flertar; Ele a destruiu completamente para que pudesse ser nossa porta de entrada para Israel. É por isso que Ele é o templo, o sacerdote, o sacrifício, a nação, o Rei e a aliança. E quando Ele ressuscitou, ascendeu aos céus e derramou o Seu Espírito, o mundo mudou permanentemente e para sempre na direção de Jesus.

Só existe um povo de Deus, uma aliança e um Nome debaixo do céu, pelo qual todos devem ser salvos. O supersessionismo, nesse sentido, não é uma doutrina maliciosa ou antissemita... É a cosmovisão apostólica, a gramática da redenção, o plano de como qualquer pessoa pode ser salva. E se vamos honrar alguma coisa, devemos honrar esse plano, em vez de flertar com a sinagoga de Satanás.

Bem, a próxima semana vai ser ainda mais desafiadora...

Porque, agora que já apresentamos os argumentos da aliança e da história... Precisamos entrar no bunker subterrâneo para onde todos fogem, na tentativa de minar nosso ponto de vista. E o que vocês verão na próxima vez é que Romanos 11, na

verdade, comprova o supersessionismo, e não apenas um pouco... Mas completamente.

- Parte 3 —

O Caso de Romanos 11

Existem versículos na Bíblia que as pessoas usam como válvulas de escape. Quando seu sistema começa a ruir sob o peso das Escrituras, elas fogem para esses versículos, agarram-se a eles com unhas e dentes e insistem que são intocáveis. Romanos 11 é o maior desses esconderijos. É o bunker de todo futurista, a última trincheira de todo dispensacionalista, a trincheira final para onde todo sionista se refugia quando o restante do Novo Testamento já desfez sua teologia.

Mas eis o problema: Romanos 11 não é um refúgio. Não é um lugar seguro. Não é um botão de pânico teológico. Romanos 11 é justamente o capítulo que expõe cada um desses sistemas como insustentável, antibíblico e historicamente impossível. A ironia é gritante: o texto em que o sionismo se baseia é o texto que o destrói. O capítulo que o futurismo reivindica como fundamento é o capítulo que o sepulta.

Paulo não estava confuso. Paulo não se contradisse. Paulo não passou dez capítulos demolindo as categorias da Antiga Aliança apenas para reconstruí-las em um parágrafo. Ele não introduziu a genealogia sorrateiramente depois de tê-la crucificado nos capítulos 2 e 9. Paulo estava explicando o que estava acontecendo em sua própria geração — o endurecimento, a

poda, a reunião, a união de judeus e gentios em um só Israel de Deus, e o fim da aliança que Jesus disse que chegaria ao mundo do primeiro século.

Romanos 11 não é um enigma. Não é um código. Não é um quebra-cabeça à espera de uma interpretação profética moderna. Romanos 11 é clareza. É precisão. É a teologia da aliança em plena efervescência.

E hoje, vamos deixar Paulo falar por si mesmo — sem lentes sionistas, sem suposições futuristas, sem compromissos sentimentais com sistemas que desmoronam sob suas próprias contradições. Quando terminarmos, Romanos 11 não será o capítulo que salva o sionismo; será a sepultura da qual ele jamais sairá.

Dito isso... vamos ao trabalho.

Parte 1

- Definindo Israel à Maneira de Paulo -

Se você quer que Romanos 11 fale com clareza, precisa começar onde Paulo começa — não onde os teólogos modernos começam, não onde o evangelicalismo nostálgico começa e certamente não onde o dispensacionalismo começa. Romanos 11 não é a primeira palavra de Paulo sobre Israel; é a última. Ele já definiu Israel duas vezes antes de chegar a este capítulo e espera que seus leitores levem essas definições consigo. A tragédia das leituras futuristas é que elas ignoram as definições de Paulo, introduzem as suas próprias e, então, forçam o apóstolo a contradizer tanto sua teologia quanto seu argumento.

Se quisermos honrar o que Paulo realmente diz, precisamos começar enterrando as antigas suposições e deixando o apóstolo definir Israel em seus próprios termos.

A primeira definição de Paulo aparece em Romanos 2 e é nada menos que revolucionária. Ele nos diz claramente que “não é judeu quem o é apenas exteriormente”, que a circuncisão não se refere à carne e que a verdadeira identidade da aliança é uma questão do coração, operada pelo Espírito. Com um único parágrafo inspirado pelo Espírito, Paulo rompe a conexão entre a filiação à aliança e a linhagem sanguínea. Israel, como ele entende, não é constituído pela biologia, mas pela regeneração. O muro divisório não é a raça, mas a renovação. A marca do povo de Deus não é a circuncisão no corpo, mas a circuncisão do coração. E, uma vez feita essa declaração por Paulo, qualquer tentativa de ressuscitar o “Israel étnico” como uma categoria da aliança é uma tentativa de rolar a pedra de volta sobre um túmulo que o próprio Cristo esvaziou.

Mas o apóstolo não terminou. Em Romanos 9, ele aprimora sua definição e a enfatiza ainda mais: “Nem todos os que são descendentes de Israel são de fato Israel” e “Não são os filhos da carne que são filhos de Deus”. Se Romanos 2 separa a etnia da identidade da aliança, Romanos 9 remove qualquer ilusão de que o Israel nacional ou genealógico possua automaticamente um lugar de destaque diante de Deus. O verdadeiro Israel, segundo Paulo, é o Israel da promessa — os eleitos, o remanescente, os chamados, aqueles cuja identidade não se baseia em sua linhagem, mas na soberana misericórdia de Deus. Essa é a teologia de Paulo. Essa é a sua estrutura. Essa é a lente interpretativa que ele exige que usemos.

E isso significa algo inevitável: quando chegamos a Romanos 11, não podemos simplesmente reintroduzir categorias da Antiga Aliança no texto. Não podemos fingir que Paulo passou nove capítulos redefinindo Israel apenas para abandonar essa definição no clímax de seu argumento. Não podemos forçar Paulo a se contradizer. No entanto, é exatamente isso que os intérpretes futuristas fazem. Eles adentram Romanos 11 carregando pressupostos étnicos que Paulo já crucificou. Ressuscitam uma categoria genealógica que Paulo já sepultou. Insistem que Paulo deve estar falando de um futuro retorno do Israel nacional, mesmo que Paulo já tenha demolido essa ideia duas vezes. Não se trata de exegese cuidadosa; trata-se de nostalgia teológica. Não se trata de submissão às Escrituras; trata-se de conformidade a um sistema.

Mas, uma vez que as próprias definições de Paulo são consideradas, a névoa se dissipa instantaneamente. Israel, para Paulo, é a comunidade regenerada — aqueles transformados pelo Espírito. Israel, para Paulo, é o remanescente eleito, os filhos da promessa, o povo circuncidado de coração, atraído a Cristo. Israel, para Paulo, consiste em judeus e gentios crentes, unidos no Messias, que é o próprio Israel verdadeiro. Esse é o Israel que ele define em Romanos 2. Esse é o Israel que ele identifica em Romanos 9. E esse é o Israel sobre o qual ele continua a falar em Romanos 11.

Não há mudança de categoria. Não há retorno étnico. Não há renascimento biológico. Não há destino nacional futuro. Há apenas um Israel — e é o povo que pertence a Cristo.

Agora, com Israel definido nos termos de Paulo — e com todas as definições falsas expostas como peso morto teológico

— estamos finalmente prontos para dar o próximo passo. Porque, uma vez que entendemos quem Israel realmente é, toda a estrutura de Romanos 11 começa a brilhar com coerência. As metáforas se esclarecem. As imagens se tornam mais nítidas. A lógica se cristaliza. E percebemos que Paulo não está oscilando entre dois povos, duas alianças ou dois futuros redentores. Ele está descrevendo uma árvore, uma raiz, um povo, uma aliança, um Messias, um plano em desenvolvimento. A única maneira de o futurismo sobreviver é arrastando uma definição estrangeira de Israel para o texto. Mas, uma vez que a definição de Paulo é aceita, Romanos 11 se torna uma catedral de unidade, em vez de um campo de batalha de categorias. Torna-se uma celebração do que Deus estava fazendo em Cristo — não uma mera sugestão de um avivamento distante. Torna-se o esqueleto teológico sob a carne histórica do ano 70 d.C. E com o alicerce agora estabelecido, devemos retomar a imagem central de Paulo: a própria oliveira. Porque nessa árvore, Paulo nos mostra a verdadeira história de Israel — sua continuidade, sua poda, sua expansão e sua reconstituição no Messias, que é a raiz e a vida de tudo.

Parte 2

A Oliveira é Israel, Não "os Judeus"

Se a Parte 1 desmantelou as falsas definições de Israel, a Parte 2 revela a alternativa viva de Paulo: a oliveira. E uma vez que essa árvore é autorizada a se sustentar em suas próprias pernas da aliança, o sionismo, o dispensacionalismo e toda leitura moderna centrada na etnia desmoronam diante dela. Porque quando Paulo diz: “se alguns dos ramos foram quebrados” (Romanos 11:17), ele não está descrevendo nações, mas

indivíduos — pessoas reais cuja posição na aliança depende inteiramente de sua união com Cristo. Essa imagem não é mera decoração; é o esqueleto teológico de Romanos 11. E não deixa espaço para o sonho acalentado pelo sionismo de um Israel revivido, geopolítico e genealógico, correndo em paralelo à igreja.

Paulo nos apresenta uma única árvore, não duas. “Você, sendo um ramo de oliveira brava, foi enxertado no meio deles” (Romanos 11:17) não é a linguagem da teologia da dupla aliança. É a linguagem da unidade da aliança. Não há “árvore de Israel” e “árvore da igreja”, não há povo terreno versus povo celestial, nenhum futuro avivamento nacional distinto do corpo de Cristo. Uma raiz. Um tronco. Um povo. O sionismo exige um sistema bifurcado; Paulo apresenta um organismo singular. O sionismo exige dois destinos; Paulo descreve uma esperança para todos os que creem. O sionismo exige uma aliança étnica contínua; Paulo declara que os judeus incrédulos “foram separados por causa da sua incredulidade” (Romanos 11:20). A oliveira não é meramente incompatível com o sionismo — ela é a sua refutação divina.

A raiz da árvore revela isso ainda mais. A raiz não é Moisés, nem o Sinai, nem a terra, nem Levi, nem o moderno Estado de Israel. A raiz é a promessa abraâmica cumprida no Messias. Paulo parte desse pressuposto quando adverte os gentios: “Não sois vós que sustentais a raiz, mas a raiz vos sustenta” (Romanos 11:18). E quem é a raiz? A Semente de Abraão, Jesus Cristo, como Paulo já declarou em Gálatas 3:16. A vida da árvore não é étnica nem territorial; é cristológica. E se Cristo é a raiz, então a árvore é a comunidade de todos os que pertencem a Cristo — judeus e gentios. O sionismo quer direcionar a vida da aliança

através da etnia; Paulo a direciona através do Senhor crucificado e ressuscitado.

Isso fica ainda mais claro quando Paulo fala dos ramos. Se os ramos fossem nações, então os gentios não poderiam ser “enxertados” individualmente. Mas Paulo se dirige diretamente ao crente gentio: “Você permanece firme somente pela fé” (Romanos 11:20). Essa não é uma linguagem nacionalista — é pessoal, espiritual e baseada na aliança. Da mesma forma, quando Paulo diz que os judeus incrédulos foram “separados”, ele não está descrevendo a remoção de uma nação, mas a poda de indivíduos que rejeitaram o seu próprio Messias. O sionismo insiste que a identidade judaica confere privilégios contínuos da aliança; Paulo aniquila essa suposição ao afirmar que a única coisa que preserva um ramo é a fé em Cristo. O sionismo não sobrevive a essa frase. Todo o sistema de privilégio étnico se evapora com essas cinco palavras: você permanece firme somente pela fé.

E então Paulo desfere o golpe mortal. Ele diz aos crentes gentios: “Não sejam arrogantes, mas temam” (Romanos 11:20). Por quê? Porque a posição na aliança está fundamentada em Cristo, não na genealogia. O sionismo constrói sua teologia na suposição de que os judeus, por laços de sangue, permanecem o povo da aliança. Paulo diz que a identidade da aliança está fundamentada na misericórdia estendida ao crente obediente — judeu ou gentio. O sionismo precisa de categorias que Paulo não concede; requer distinções que Paulo não faz; baseia-se em pressupostos que Paulo já enterrou em Romanos 2 e Romanos 9.

A oliveira, portanto, nada mais é do que o único povo da aliança de Deus em Cristo — o verdadeiro Israel, composto pelo remanescente fiel dos judeus e pela multidão fiel dos gentios. Não se trata de uma entidade nacional, mas de um organismo messiânico. Não é um projeto geopolítico, mas uma comunidade da aliança. Não é uma continuação étnica, mas um cumprimento centrado em Cristo. E uma vez que a oliveira seja compreendida nos termos de Paulo, todo o programa sionista se desintegra como um ídolo de barro diante do Deus vivo.

Mas Paulo não terminou. Depois de revelar a identidade da árvore e a natureza dos ramos, ele se volta para o próprio corte — para o momento em que os ramos judeus incrédulos foram removidos. E, ao fazê-lo, ele ancora esse corte não em nosso futuro, mas firmemente em seu próprio momento presente.

Parte 3

Quando Ocorreu a “Cortação”

A questão mais decisiva em Romanos 11 não é simplesmente “Quem é Israel?” ou “O que é a oliveira?”, mas sim “Quando ocorreu a quebra?”. Paulo não deixa isso para especulação ou futurologia distante. Ele descreve a quebra do Israel incrédulo no passado, como uma realidade presente que se desenrolava em seus próprios dias. “Alguns ramos foram quebrados” (Rm 11:17), escreve ele — não “serão”. “Foram quebrados por causa da sua incredulidade” (Rm 11:20) — não “talvez algum dia”. E “Deus não poupou os ramos naturais” (Rm 11:21) — não “eventualmente se recusará a poupá-los”. Estas não são fórmulas proféticas; são interpretações apostólicas do juízo da aliança do primeiro século, já em curso. Paulo está descrevendo

um evento que está acontecendo ativamente enquanto ele escreve, acelerando em direção a um momento inevitável e catastrófico que o próprio Jesus previu.

Esse momento, é claro, é a desolação nacional de Israel em 70 d.C. São os “dias da vingança”, quando “tudo o que está escrito se cumprirá” (Lucas 21:22). É o momento em que Jesus advertiu que “a vossa casa vos será deixada deserta” (Mateus 23:38). É o momento que Ele declarou que cairia sobre “esta geração” (Mateus 24:34). Paulo está inserido nesse período profético, observando a liderança judaica rejeitar o Messias, perseguir Seus apóstolos, expulsar judeus crentes das sinagogas e se aliar à própria incredulidade que Jesus advertiu que traria destruição. Quando Paulo diz que Israel “tropeçou” (Romanos 11:11) e que “os eleitos alcançaram a salvação, mas os demais foram endurecidos” (Romanos 11:7), ele está descrevendo a condição espiritual do Israel do primeiro século — não um povo distante, milhares de anos depois. O sionismo quer situar o endurecimento de Israel na era moderna. Paulo situa isso na era apostólica.

É por isso que o sionismo desmorona sob o peso de Romanos 11. O sionismo insiste que o Israel incrédulo permanece o povo da aliança de Deus. Paulo diz que o Israel incrédulo “foi separado”. O sionismo insiste que a etnia judaica garante o privilégio contínuo da aliança. Paulo diz que a posição na aliança é somente “pela fé” (Rm 11:20). O sionismo afirma que a rejeição de Cristo pelos judeus é irrelevante para a identidade da aliança. Paulo diz que a “rejeição deles é a reconciliação do mundo” (Rm 11:15). O sionismo ensina que Israel um dia será restaurado como uma nação incrédula. Paulo diz que a restauração só é possível “se eles não permanecerem na

incredulidade” (Rm 11:23). O sionismo sonha com um destino da aliança baseado em linhagem sanguínea, terra e geopolítica. Paulo fundamenta a vida da aliança em Cristo, a Raiz, de modo que somente aqueles unidos a Ele pertencem à árvore.

Portanto, essa poda não pode ser transferida para o futuro sem dismantelar todo o argumento de Paulo. A ruptura já estava em curso. À medida que o evangelho se espalhava pelo mundo gentio, o ramo judaico definhava. Conforme os gentios eram enxertados, o Israel incrédulo se endurecia. Conforme as nações se convertiam a Cristo, a posição da aliança de Israel, que rejeitava a Cristo, evaporava. Paulo sabe que isso não é uma metáfora ou abstração. É o realinhamento da história pela aliança, à medida que o mundo da Antiga Aliança desaparecia. Hebreus confirma esse horizonte ao chamar a Antiga Aliança de “obsoleta” e “prestes a desaparecer” (Hb 8:13). Paulo está vivendo dentro desse desaparecimento. Ele está testemunhando o ocaso do Israel mosaico e o nascer do sol do reino messiânico global.

É por isso que ele adverte os gentios para que não se tornem arrogantes. Eles estão testemunhando um julgamento divino tão severo, tão transformador, tão historicamente impactante, que porá fim a toda a administração mosaica. Estão vendo o mesmo Israel que crucificou o Messias agora perseguir a Sua igreja e colher as consequências da aliança. Estão vendo, com seus próprios olhos, o cumprimento da parábola de Jesus em Mateus 21: “O reino de Deus será tirado de vocês e entregue a uma nação que produza os frutos dele” (Mateus 21:43). Isso não é escatologia futura. É uma transição da aliança. É a remoção da velha criação e a instalação da nova. Paulo não está especulando;

ele está interpretando o momento mais explosivo da história da redenção desde a própria ressurreição.

É por isso também que o sionismo é impossível. O sionismo exige que o ramo da Antiga Aliança permaneça ligado à árvore, mesmo na incredulidade. Paulo diz que a incredulidade é a própria razão pela qual o ramo foi cortado. O sionismo reivindica um futuro destino da aliança para uma nação étnica à parte de Cristo. Paulo diz que não há restauração senão por meio de Cristo, e somente “se eles não permanecerem na incredulidade” (Romanos 11:23). O sionismo afirma que o Israel moderno ainda é o povo de Deus. Paulo diz que o único povo de Deus são aqueles unidos a Cristo, pois “nós somos a circuncisão” (Filipenses 3:3) e “se vocês pertencem a Cristo, então são descendência de Abraão” (Gálatas 3:29). O sionismo insiste que a aliança nunca foi removida da nação étnica. Paulo diz que a “rejeição deles é a reconciliação do mundo” (Romanos 11:15). O sionismo ensina que a identidade da aliança flui através da biologia. Paulo ensina que a identidade da aliança flui através de Cristo.

A poda, portanto, não está à espera de um futuro relógio profético começar a contar. Não é um espetáculo escatológico reservado para os últimos dias do mundo. É a crise da aliança do primeiro século que culminou na destruição de Jerusalém — o sinal definitivo de que a ordem da Antiga Aliança havia terminado e que o povo da Nova Aliança, composto por judeus e gentios crentes, havia emergido como o verdadeiro Israel de Deus. Uma vez compreendido isso, surge naturalmente e com força uma pergunta: se a ruptura foi uma realidade do primeiro século, então o que é a “plenitude dos gentios” e onde ela se encaixa nesse mesmo horizonte histórico? Se a poda já passou, a

plenitude não pode ser futura. Paulo está descrevendo uma transição singular e unificada da aliança, não um atraso de dois mil anos.

E agora estamos prontos para o próximo movimento no argumento de Paulo — um movimento que revelará o verdadeiro significado da plenitude e exporá o último reduto do sionismo no imaginário evangélico.

Parte 4

- O “Enxerto” do Primeiro Século -

Se a quebra dos ramos judaicos era uma realidade presente nos dias de Paulo, a pergunta óbvia que todo leitor honesto deve fazer é: havia judeus, naquela mesma época, sendo de fato enxertados de volta? Sistemas futuristas insistem que Romanos 11 ainda aguarda um futuro avivamento judaico, uma onda de integração do Israel étnico ao reino nos últimos dias. Mas Paulo não permite essa interpretação. Ele não relega o enxerto a um futuro distante e apocalíptico; ele o situa diretamente dentro de seu próprio ministério apostólico. “Dirijo-me a vocês, gentios”, diz ele, “pois, sendo eu apóstolo dos gentios, engrandeço o meu ministério, na esperança de despertar ciúmes em meus compatriotas e salvar alguns deles” (Rm 11:13-14). Isso não é uma profecia; é uma missão. Não é uma previsão distante; é um fardo presente. Paulo não está sonhando acordado com um avivamento daqui a dois mil anos; ele está trabalhando por um que já está se desenrolando ao seu redor.

Observe a linguagem: “salvar alguns deles”. Paulo não descreve uma conversão nacional ou étnica garantida. Ele não

diz que “todo o Israel segundo a carne será salvo como um bloco, independentemente de sua resposta”. Ele fala no registro da teologia do remanescente — “alguns”, não todos; indivíduos arrependidos, não uma anistia nacional indiscriminada. E quando ele fala da restauração deles, ele a apresenta como uma possibilidade concreta condicionada à resposta deles a Cristo: “Se eles não permanecerem na incredulidade, serão enxertados, pois Deus é poderoso para enxertá-los de novo” (Romanos 11:23). Essa única frase anula a interpretação sionista. Paulo não promete um reavivamento nacional garantido; ele oferece uma restauração individual condicional. O “se” importa. Os “eles” não são uma nação abstrata e futura; são seus contemporâneos — seus companheiros israelitas — que ele anseia ver provocados à inveja e atraídos a Cristo por meio da bênção visível que agora repousa sobre os gentios crentes.

Mas isso não é mera ilusão. O Novo Testamento registra, na história real, que esse enxerto de judeus de volta à árvore de fato aconteceu — em grande escala. A história começa no Pentecostes, onde o primeiro grande enxerto ocorre não entre gentios, mas entre judeus. Pedro se levanta em Jerusalém e se dirige a “homens da Judeia e a todos vocês que moram em Jerusalém” (Atos 2:14), e Lucas nos diz que havia “judeus morando em Jerusalém, homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu” (Atos 2:5). Após o sermão de Pedro, quando ele anuncia que Jesus crucificado é “Senhor e Cristo” (Atos 2:36), o texto nos diz que “os que aceitaram a sua palavra foram batizados, e naquele dia foram acrescentadas cerca de três mil pessoas” (Atos 2:41). Essas três mil pessoas eram judeus. Isso não é uma nota de rodapé; é um reavivamento. É a primeira grande onda de ramos sendo enxertados de volta na árvore.

E a onda não para por aí. Em Atos 4, depois que Pedro e João pregam novamente, “muitos dos que ouviram a mensagem creram, e o número de homens chegou a cerca de cinco mil” (Atos 4:4). Novamente, trata-se de judeus em Jerusalém, respondendo ao evangelho e se unindo à igreja. Lucas registra mais tarde que “a palavra de Deus se espalhava, e o número de discípulos aumentava muito em Jerusalém, e muitos sacerdotes se tornavam obedientes à fé” (Atos 6:7). Sacerdotes, os mesmos homens cujo sustento estava ligado ao sistema do templo, estão abandonando as sombras e se apegando à Substância. Se isso não é um enxerto do primeiro século, a palavra não tem significado. Quando Paulo retorna a Jerusalém em Atos 21, Tiago e os presbíteros lhe dizem: “Vês, irmão, quantos milhares há entre os judeus que creram” (Atos 21:20). A expressão que Tiago usa é literalmente “muitas miríades” — dezenas de milhares. Lucas quer que você sinta a dimensão: não se trata de um pequeno fluxo de judeus convertidos; é uma inundação.

Essa integração não se limita a Jerusalém. Desde o início, judeus da diáspora são levados a Cristo por todo o mundo romano. No próprio Pentecostes, a multidão inclui judeus e prosélitos de “partos, medos e elamitas, e habitantes da Mesopotâmia, Judeia e Capadócia, Ponto e Ásia, Frígia e Panfília” e de outras regiões (Atos 2:9-11). Os convertidos não permanecem em Jerusalém; retornam às suas terras natais como ramos vivos, agora ligados ao Messias, levando a vida da raiz às sinagogas e comunidades por todo o império. Todo o padrão missionário de Paulo — “primeiro ao judeu e também ao grego” (Romanos 1:16) — pressupõe uma integração contínua dos judeus. Em cidade após cidade, ele entra na sinagoga, prega sobre Cristo, vê alguns judeus crerem e observa outros endurecerem a fé. O livro de Atos é um relato de viagem que

descreve exatamente o que Romanos 11: alguns ramos quebrados por incredulidade, outros ramos — judeus e gentios — enxertados pela fé.

A história do primeiro século, portanto, não nos deixa com um enigma; ela nos dá um padrão. Paulo ansiava por “salvar alguns deles” (Romanos 11:14), e Deus respondeu a esse anseio nos incontáveis judeus que creram em Jerusalém, na Judeia e em toda a diáspora. Muitos dos mesmos homens que antes se opunham a Cristo foram trazidos a Cristo. Muitos que antes se apegavam ao templo passaram a adorar o verdadeiro Templo. Muitos que antes confiavam na linhagem sanguínea passaram a confiar no sangue — o sangue de Cristo. Esse é o enxerto que Romanos 11 antecipa e que o Novo Testamento documenta. Um grande reavivamento judaico ocorreu no primeiro século. Paulo o viu. Paulo participou dele. Paulo se alegrou com ele. A noção de que Romanos 11 ainda aguarda um futuro reavivamento étnico e nacional não é apenas desnecessária; é um insulto ao que Deus já fez naqueles dias.

Uma vez reconhecida essa realidade, a estrutura futurista desmorona. Paulo não está oferecendo uma promessa futura à igreja; ele está interpretando seu próprio momento na história da redenção. Os galhos quebrados eram seus contemporâneos que persistiram na incredulidade. Os galhos enxertados eram seus contemporâneos que se converteram a Cristo. A oliveira não permaneceu dormente por dois mil anos, aguardando um projeto sionista moderno. Ela pulsava com vida no primeiro século, quando dezenas de milhares de judeus e multidões de gentios foram unidos ao mesmo Messias, na mesma árvore, pela mesma fé. Com esse enxerto do primeiro século estabelecido de forma indiscutível, estamos prontos para retornar à frase que

causou tanta confusão e perguntar: à luz de tudo isso, o que Paulo quer dizer com “a plenitude dos gentios”, e quando essa plenitude chegou?

Parte 5

- “A Plenitude dos Gentios” -

A expressão de Paulo “a plenitude dos gentios” (τὸ πλήρωμα τῶν ἐθνῶν) em Romanos 11:25 foi catastroficamente mal interpretada pelo sionismo futurista e seus correlatos dispensacionalistas. Em vez de permitir que Paulo definisse seus próprios termos em seu próprio contexto, eles importaram uma lacuna de dois milênios para um texto cuja urgência, ritmo e horizonte profético são inequivocamente do primeiro século. Paulo não está prevendo toda a Era da Igreja. Ele não está prevendo vinte séculos de avanço do evangelho antes que Israel tenha outra chance. E certamente não está propondo que Deus esteja esperando até que “toda nação da terra” ou “todo gentio que será salvo” entre em massa no reino. Essa ideia é estranha ao argumento de Paulo, estranha ao seu vocabulário e estranha à atmosfera escatológica do Novo Testamento. Em vez disso, Paulo está descrevendo a mesma evangelização iminente e ekoumênica que Jesus prometeu em Mateus 24:14: “Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo (οἰκουμένη), como testemunho a todas as nações, e então virá o fim”. Não o fim do cosmos material, mas o fim da era da Antiga Aliança; não o globo terrestre, mas o mundo romano. Paulo está antecipando esse evento específico — o evangelho permeando o Império Romano como precursor do retorno do Senhor à aliança contra o Israel apóstata — e ele se vê como um dos principais catalisadores que levarão essa profecia à beira do cumprimento.

As cartas de Paulo confirmam repetidamente que ele acreditava estar vivendo no auge dos tempos, e não no prelúdio de um enorme hiato profético. Em 1 Coríntios 10:11, ele escreve: “O fim dos tempos chegou para nós”, mostrando que a era da Antiga Aliança estava chegando ao fim e a era da Nova Aliança estava despontando em sua própria geração. Em 1 Coríntios 7:29-31, ele insiste: “O tempo se encurtou... a aparência deste mundo (σχῆμα) está passando”, referindo-se não à destruição do universo físico, mas ao declínio e à obsolescência da ordem da Antiga Aliança, que Hebreus 8:13 diz estar “prestes a desaparecer”. Todo esse momento de transição era sensível ao tempo, historicamente situado e profeticamente limitado ao primeiro século. É dentro dessa estrutura teológica e escatológica que a expressão “plenitude dos gentios” deve ser compreendida.

A linguagem da iminência permeia os escritos de Paulo porque ele esperava que o evangelho envolvesse a comunidade romana durante sua própria vida. Romanos 15:19 declara que ele já havia pregado “desde Jerusalém até a Ilíria”, e no versículo 24 ele revela seu anseio de evangelizar Roma e a Espanha — porque via sua missão como um acelerador divinamente designado para a vinda de Cristo da aliança. Em Romanos 13:11-12, ele escreve: “A noite está quase terminando; o dia está próximo”, marcando a proximidade do alvorecer da Nova Aliança. Em Filipenses 4:5, ele ecoa isso ao afirmar: “O Senhor está perto”. Em Romanos 16:20, ele promete: “O Deus da paz em breve esmagará Satanás debaixo dos vossos pés”, ligando a primeira promessa do evangelho em Gênesis 3:15 a um cumprimento romano próximo, não a uma escatologia remota. O futurismo do sionismo exige que todas essas passagens sejam arrancadas de

sua órbita da aliança. Mas Paulo as fundamenta firmemente na urgência de sua missão apostólica: o evangelho vai varrer o mundo romano, o Dia da Aliança do Senhor está se aproximando e o Israel endurecido será julgado dentro desta geração.

Essa leitura é confirmada pelo conjunto mais amplo dos escritos paulinos. Em 1 Tessalonicenses 2:14-16, ele declara que a ira “chegou até o fim sobre eles”, mostrando que os juízos anunciados por Jesus em Mateus 23-24 já haviam começado. Em 1 Tessalonicenses 4-5, ele diz que “nós, os que estivermos vivos e permanecermos”, testemunharemos a parusia, a vinda de Cristo em juízo,³ conforme a aliança. Em 2 Tessalonicenses 1:6-10, ele promete “alívio para vocês, os aflitos”, no exato momento em que Deus traz vingança ardente sobre seus perseguidores — os judeus do primeiro século —, tornando impossível qualquer reinterpretação futurista. Em 2 Tessalonicenses 2:1-8, ele ensina que o “homem da iniquidade” já estava presente, já havia sido contido e seria destruído pela iminente vinda de Cristo. Esta não é uma profecia de alguma figura anticristo distante, milênios no futuro, mas a convulsão final da ordem da Antiga Aliança, à medida que seus líderes resistiam ao evangelho. Tudo isso reforça o mesmo ponto: a

³ **Nota do tradutor** – embora claramente 1ª Tessalonicenses 4 ensine a Segunda Vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos, não é de se duvidar que os primeiros cristãos pudessem pensar sobre eles mesmos como sendo “nós, os que estivermos vivos e permanecermos” como sendo referência a parousia (vinda, chegada) de Cristo em juízo contra Jerusalém no ano 70 d.C. Conforme a maneira hebraica de pensar é bem possível que eles pudessem ver a profecia como “bloco único, comprimido”. Ou seja, poderiam pensar que após o Evangelho do Reino ser pregado em todas as nações do Império Romano (Mateus 24:14), e a consequente destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., pudesse na sequência trazer a Segunda Vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos.

escatologia de Paulo é do primeiro século. Seu horizonte é do primeiro século. Sua iminência é do primeiro século. E sua “plenitude dos gentios” é do primeiro século.

Quando Paulo fala da “plenitude dos gentios”, ele está descrevendo o momento em que o evangelho se espalhou pelo mundo romano com tamanha intensidade espiritual que o cronograma judicial de Deus atingiu seu tempo determinado. Isso se encaixa perfeitamente com sua citação de Isaías em Romanos 9:27-28, onde ele diz que Deus “terminará a obra e a abreviará... sobre a terra” (ἐπὶ τῆς γῆς), apontando diretamente para a terra de Israel e o julgamento vindouro. Da mesma forma, em Romanos 11:15, ele proclama: “Se a rejeição deles é a reconciliação do mundo”, mostrando que a queda de Israel já estava em curso e já estava produzindo uma reconciliação mundial pela aliança. Paulo não está descrevendo a futura queda de Israel; ele está descrevendo seu colapso presente. E a explosão do evangelho em todo o mundo gentio foi o próprio meio pelo qual esse colapso estava sendo levado à sua consumação.

Essa interpretação é reforçada pelo argumento de Paulo em Gálatas. Em Gálatas 4:21-31, a alegoria das duas alianças culmina com a advertência de que a “Jerusalém atual” (o sistema da Antiga Aliança) logo seria “expulsa”, ecoando a expulsão de Agar e antecipando a destruição de 70 d.C. Em Gálatas 1:4, Paulo diz que Cristo os estava libertando desta “presente era má” — a era da Antiga Aliança, que Hebreus 9:26 diz estar terminando naquele tempo. Em 2 Coríntios 3, ele afirma repetidamente que a Antiga Aliança estava “desvanecendo”, “chegando ao fim” e “prestes a desaparecer”. Este é o mundo em que Paulo vive. Este é o momento escatológico que ele

interpreta. E é nesse contexto de crescente convulsão da aliança que Paulo situa a expressão “plenitude dos gentios”.

Na visão de Paulo, o avanço mundial (oikoumênico) do evangelho era a condição necessária para o julgamento final sobre Israel, exatamente como Jesus havia predito. É por isso que Paulo estava tão empenhado em chegar a Roma. É por isso que ele disse aos tessalonicenses que a revelação de Cristo estava próxima. É por isso que ele disse aos coríntios que a forma do mundo da Antiga Aliança estava desaparecendo. E é por isso que ele assegurou aos cristãos romanos que Deus “em breve” esmagaria Satanás sob seus pés — porque todo o mundo romano estava prestes a passar pela transformação sísmica da aliança desde o Sinai. Paulo via seu evangelismo não apenas como edificação de igrejas, mas como uma guerra escatológica. Cada gentio convertido, cada igreja plantada, cada proclamação apostólica impulsionava o evangelho cada vez mais fundo no mundo romano, apressando a queda do velho mundo e inaugurando o esplendor do novo.

Assim, “a plenitude dos gentios” não é futurista. Não é sionista. Não se trata de um período de espera de dois mil anos. Trata-se da onda do evangelho, repleta do Espírito Santo, que se propagou pelo Império Romano nas décadas entre o Pentecostes e a destruição de Jerusalém — uma onda que o próprio Paulo propagou, antecipou e acreditou que culminaria no retorno da aliança de Cristo. E culminou. Quando o mundo romano foi evangelizado, quando as nações da Oikoumene receberam a proclamação apostólica, o cálice da dureza do Israel da Antiga Aliança estava cheio. O julgamento ocorreu em 70 d.C. E com esse julgamento, o mistério secular foi revelado, o reino da Nova Aliança foi entronizado e a plenitude dos gentios

se concretizou — tanto como realidade histórica quanto como prelúdio divino para a salvação do remanescente.

Parte 6

- “Todo o Israel Será Salvo” -

Quando Paulo declara: “e assim todo o Israel será salvo” (Romanos 11:26), ele não está abandonando repentinamente o significado contextual do termo “Israel” que ele meticulosamente manteve ao longo do capítulo. O “endurecimento parcial” (πώρωσις) recaiu sobre o Israel étnico, não sobre a igreja, não sobre os crentes gentios e não sobre uma abstração simbólica. Paulo está falando sobre o povo histórico descendente de Abraão segundo a carne — o mesmo povo pelo qual ele lamentou “com grande tristeza e luto constante” (Romanos 9:2-3). Arrancar “Israel” de seu referente no versículo 25 e redefini-lo no versículo 26 é cometer o equivalente interpretativo de uma amputação: cortar o membro que você está tentando curar. O contexto nos obriga a dizer o que o próprio Paulo está dizendo: o Israel em Romanos 11 é o Israel étnico, endurecido, resistente, tropeçando, mas ainda possuindo em si o remanescente eleito que Deus prometeu desde o princípio.

E esse endurecimento não é nenhum mistério. É uma das realidades mais amplamente comprovadas em toda a Escritura. O próprio Jesus explicou: “A vocês foi dado o conhecimento dos mistérios do Reino... mas a eles não” (Mateus 13:11). Marcos mantém o mesmo julgamento: “Para que, vendo, vejam e não percebam... para que não se convertam e sejam perdoados” (Marcos 4:12). Em Lucas, Jesus diz aos seus

discípulos: “A vocês foi dado o conhecimento... mas aos outros, por parábolas” (Lucas 8:10). João afirma explicitamente que “apesar de ter realizado tantos sinais diante deles, eles não creram nele”, cumprindo a profecia de Isaías de que “cegou os seus olhos e endureceu os seus corações” (João 12:37-40). Atos continua esse tema sem interrupção: Estêvão acusa Israel de “sempre resistir ao Espírito Santo” (Atos 7:51); Paulo adverte os ouvintes da sinagoga: “Cuidado... para que não vos sobrevenha o que foi dito nos profetas” (Atos 13:40-41); e, no final de Atos, o veredicto apostólico se confirma, como Paulo afirma: “o coração deste povo se endureceu” (Atos 28:27). Paulo relembra a mesma realidade em suas cartas: Israel se tornou “fútil em seus pensamentos” (Romanos 1:21), “tropeçou na pedra de tropeço” (Romanos 9:32), “não se submeteu à justiça de Deus” (Romanos 10:3), seus “olhos se obscureceram” (Romanos 11:10), sua “mente se endureceu” (2 Coríntios 3:14) e a ira de Deus “abateu-se sobre eles em toda a sua plenitude” (1 Tessalonicenses 2:16). Quem nega o endurecimento do coração de Israel ou nunca leu o Novo Testamento ou se recusa a acreditar no que ele diz claramente.

Mas aqui está o ponto crucial: o endurecimento de Israel foi parcial, não total (Romanos 11:25). E se o endurecimento foi parcial, então a salvação também é parcial — não em qualidade, mas em alcance. “Todo o Israel” não significa cada judeu sem exceção. Significa a totalidade dos judeus eleitos, o remanescente completo, o número total de israelitas que Deus escolheu antes da fundação do mundo, que o Pai deu ao Filho e que o Espírito Santo trouxe a Cristo no primeiro século. Paulo já definiu “Israel” nesses termos em Romanos 9:6: “Nem todos os que são descendentes de Israel são Israel”. Esse versículo é a chave interpretativa. Dentro do Israel étnico está o verdadeiro Israel, e

o verdadeiro Israel consiste no remanescente crente que Deus preserva pela graça. Paulo reforça isso em Romanos 11:5: “Agora, porém, existe um remanescente segundo a graça escolhida por Deus”. Se a expressão “todo o Israel” no versículo 26 incluísse judeus endurecidos, incrédulos e impenitentes, o argumento de Paulo ruiria por si só. Mas Paulo não está apagando tudo o que acabou de argumentar; ele está levando a questão ao seu clímax, baseado na aliança.

A frase “e assim todo o Israel será salvo” (καὶ οὕτως) não significa “depois” ou “mais tarde”. Significa “desta maneira”, “deste modo” ou “assim”. Paulo está explicando como a salvação de Israel se desenrola — não quando. Israel será salvo desta maneira — através do padrão que ele acabou de descrever: (1) um endurecimento parcial do Israel étnico, (2) a inclusão dos gentios na comunidade da aliança e (3) a salvação dos judeus eleitos naquela geração, provocada pelo ciúme. Essa sequência aconteceu. Está documentada em Atos, explicada nas epístolas e confirmada pela história. Os judeus eleitos foram salvos. Os judeus endurecidos foram julgados. E o remanescente — salvo exatamente da maneira que Paulo descreveu — tornou-se o fundamento do Israel da Nova Aliança.

Essa interpretação é reforçada pelos textos que Paulo cita em Romanos 11:26-27. Quando ele cita Isaías, “O Libertador virá de Sião”, ele não está prevendo uma futura descida de Cristo no fim da história mundial. Cristo já havia vindo. Cristo já estava removendo a impiedade de Jacó. Cristo já estava salvando o remanescente por meio do evangelho. O Libertador não veio para remover a impiedade de um futuro Israel nacional; Ele veio para salvar os eleitos de Israel no primeiro século e julgar a nação endurecida em 70 d.C. A promessa de Isaías se cumpre

não pela conversão de um estado político moderno, mas pela salvação do remanescente nos dias de Paulo. É por isso que Paulo pode dizer, no presente, “Ele está removendo a impiedade de Jacó”. Está acontecendo. Está se desenrolando em tempo real. É a experiência vivida da era apostólica.

E quando ele acrescenta: “Esta é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados” (Romanos 11:27), Paulo não está descrevendo uma futura conversão em massa do Israel étnico. Ele está descrevendo as bênçãos da Nova Aliança que já estão sendo derramadas sobre o remanescente. Seus pecados estão sendo removidos. Seus corações estão sendo circuncidados. Eles estão sendo enxertados em Cristo. Os ramos endurecidos estão sendo cortados; os ramos crentes estão sendo restaurados. Esta é a salvação de Israel — o Israel dentro de Israel — os judeus eleitos do primeiro século que abraçaram seu Messias e se tornaram o núcleo do Israel de Deus.

É por isso que a leitura preterista não é apenas plausível, mas inevitável. Não se trata de uma opção interpretativa; é a única leitura que honra o contexto, a teologia da aliança, o pano de fundo profético, a precisão lexical, o cumprimento histórico e o próprio testemunho de Paulo. “Todo o Israel” significa todo o Israel eleito, salvo da maneira que Paulo acabou de descrever — por meio do abrandamento de um remanescente em meio a uma nação endurecida, por meio do enxerto de gentios que provocou ciúmes nos judeus e por meio da formação de um único povo da aliança composto por judeus e gentios juntos em Cristo. Este Israel — este Israel expandido pelo remanescente, enriquecido pelos gentios e centrado no Messias — é o Israel de Deus (Gálatas 6:16). Não um Estado-nação moderno. Não um

coletivo étnico. Não um projeto geopolítico. Mas o povo redimido de Deus em Cristo.

O sionismo desmorona aqui. O futurismo se dissolve aqui. O dispensacionalismo se desintegra aqui. A graça soberana de Deus, ao eleger um remanescente, salvá-lo no primeiro século e enxertá-lo com os gentios crentes, cria o único e verdadeiro Israel que Paulo vislumbrou. “Todo o Israel” foi salvo — não adiado, não postergado, não à espera de uma bandeira, um parlamento ou um Estado, mas cumprido no remanescente do Messias e manifestado na igreja que é o Seu corpo.

Parte 7

- O Verdadeiro Fim do Mundo -

Romanos 11 não é um apêndice da teologia de Paulo, nem um trecho deslocado no meio de sua carta, nem uma alusão enigmática a um milênio futuro distante. Romanos 11 é o pavo teológico que permeia todo o cânone do Novo Testamento, a arquitetura oculta que explica Mateus 24, o motor doutrinário que impulsiona a destruição de Jerusalém e a lógica da aliança que une cada proclamação apostólica de iminência. Paulo não está construindo um argumento que permanecerá adormecido por dois mil anos; ele está interpretando os próprios eventos que Jesus disse que se desenrolariam antes do fim daquela geração. Quando Jesus profetizou a queda de Jerusalém, a desolação do templo, o julgamento sobre os transgressores da aliança e a vindicação do seu povo, ele estava descrevendo o mesmo momento histórico-redentor que Paulo interpreta em Romanos 11. Um é profecia; o outro é teologia. Um é a predição; o outro é a explicação. E ambos convergem inexoravelmente em 70 d.C.

A chave está na aliança, não na etnia. Jesus proclamou o fim da ordem da Antiga Aliança — seu templo, seus sacrifícios, seu sacerdócio, seus privilégios genealógicos — e situou esse fim precisamente durante a vida de seus contemporâneos. Paulo fornece o arcabouço teológico que torna esse fim não apenas possível, mas necessário. Para Paulo, a Antiga Aliança não poderia sobreviver à chegada do Messias, ao derramamento do Espírito e à salvação do remanescente. Uma aliança construída sobre sombras não pode coexistir com Aquele que é a substância. Uma aliança construída sobre promessas não pode permanecer depois que a Promessa se cumpriu. Uma aliança construída em torno da descendência genealógica não pode subsistir depois que a verdadeira Semente chegar. E uma aliança construída em torno da distinção entre judeu e gentio não pode continuar depois que Cristo criou um novo homem. O fim do Velho Mundo não era opcional; era exigido pela lógica da redenção. Jesus o proclamou como julgamento. Paulo o explica como aliança.

É por isso que Romanos 11 é a sentença de morte teológica do futurismo. O futurismo pressupõe um mundo da Antiga Aliança ainda vivo, um arranjo mosaico ainda vinculativo, um Israel genealógico ainda privilegiado e um ponto de virada futuro na história da redenção. Mas Paulo vê a Antiga Aliança como já em processo de dismantelamento — “desvanecendo” (2 Coríntios 3:11), “envelhecendo” (Hebreus 8:13), “passando” (1 Coríntios 7:31), “condenada” (2 Coríntios 3:9) e “prestes a desaparecer” (Hebreus 8:13). O futurismo insiste que o endurecimento de Israel continua indefinidamente; Paulo diz que esse endurecimento já havia ocorrido, já havia definido sua geração, já havia provocado a salvação do remanescente e já

estava levando à iminente eliminação da nação incrédula. O futurismo imagina uma futura conversão do Israel étnico; Paulo situa a conversão de “todo o Israel” — o remanescente eleito — em sua própria geração. O futurismo imagina o Libertador “vindo de Sião” no fim da história; Paulo cita Isaías porque Cristo já estava removendo a impiedade de Jacó por meio da pregação do evangelho. O futurismo imagina que a plenitude dos gentios exige que o mundo inteiro seja evangelizado; Paulo a vincula diretamente à evangelização do mundo romano (οἰκουμένη), a própria missão que definiu seu chamado apostólico e que Jesus disse que deveria ser concluída antes de Sua vinda da aliança em juízo. O futurismo desmorona não por causa de um único versículo, mas porque Romanos 11 representa a impossibilidade teológica do futurismo.

Ao mesmo tempo, Romanos 11 é uma repreensão ao supersessionismo grosseiro, porque se recusa a separar o remanescente de suas raízes da aliança. Paulo não diz que Deus rejeitou o Seu povo; ele diz o oposto. Deus preservou o Seu povo no remanescente. O remanescente é Israel. O remanescente são os herdeiros. O remanescente carrega adiante as promessas, as alianças e a glória. O que foi podado em 70 d.C. não foi Israel, mas a incredulidade. A árvore sobreviveu. O remanescente sobreviveu. A aliança sobreviveu. E os gentios foram enxertados em um Israel vivo — não o substituindo, não o descartando, mas unindo-se a ele, expandindo-o e glorificando-o. A igreja não é um parêntese; a igreja é o florescimento de Israel. A Nova Aliança não é um desvio; é o cumprimento da promessa abraâmica. E 70 d.C. não foi Deus descartando Israel; foi Deus descartando a casca de uma nação incrédula para que Israel — o verdadeiro Israel, o Israel de Deus — pudesse herdar o mundo.

Essa síntese — a profecia de Jesus e a teologia de Paulo — explode o sionismo moderno em seus fundamentos. O sionismo pressupõe que a nação que foi endurecida, julgada e exterminada retém o título da aliança. Romanos 11 diz o contrário. O sionismo imagina que a nação da Antiga Aliança será restaurada. Romanos 11 diz que essa nação foi podada. O sionismo imagina uma aliança futura com o Israel terreno. Romanos 11 diz que a Nova Aliança é a aliança de Deus com o remanescente. O sionismo imagina que o Israel genealógico permanece o povo escolhido de Deus. Romanos 11 diz que somente o remanescente — os judeus crentes unidos a Cristo — é Israel. O sionismo imagina que as promessas pertencem ao Estado moderno. Romanos 11 diz que as promessas pertencem a Cristo, a verdadeira Semente, e a todos os que estão nEle. O sionismo imagina que a história deve esperar por Israel. Romanos 11 diz que Israel já veio — o Israel de Deus, o remanescente expandido, exaltado em Cristo, habitado pelo Espírito, que enche o mundo com o conhecimento do Senhor. O sionismo não é meramente um erro teológico; é uma impossibilidade da aliança. O ano 70 d.C. foi a própria rejeição de Deus ao sionismo, antes mesmo de o sionismo existir.

E quando tudo isso é visto em conjunto — a profecia da aliança de Jesus, a teologia da aliança de Paulo, a salvação do remanescente no primeiro século, a incorporação dos gentios, o endurecimento e a poda do Israel incrédulo e a entronização do reino da Nova Aliança — o quadro se torna inequivocamente claro. Romanos 11 não está nos apontando para um futuro avivamento. Romanos 11 está nos apontando para o clímax da história da redenção no primeiro século. Está explicando por que o ano 70 d.C. teve que acontecer, por que a Antiga Aliança

teve que morrer, por que a Nova Aliança teve que surgir, por que o remanescente teve que ser salvo, por que os gentios tiveram que ser incluídos e por que a profecia de Jesus e a teologia de Paulo são duas faces da mesma moeda da aliança. Romanos 11 é o momento em que toda a Bíblia se torna nítida. É a lente unificadora através da qual a transição do Antigo para o Novo se torna não apenas inteligível, mas inevitável. Jesus declarou o fim. Paulo explica o fim. O ano 70 d.C. realiza o fim. E a igreja — judeus e gentios juntos, enxertados em uma só árvore viva — emerge do outro lado como o único e verdadeiro Israel que encherá as nações com a glória de Deus.

Parte 8

— O Mundo Depois do Fim do Mundo —

Quando o Velho Mundo terminou em 70 d.C., Deus não deixou um vácuo. Ele não simplesmente demoliu o templo, dispersou a nação e saiu de cena na história. O fim da era foi simultaneamente o início de um novo mundo — um mundo no qual Romanos 11, Efésios 2–3 e Gálatas 3–4 convergem em uma única e radiante realidade. Jesus havia prometido que o “fim dos tempos” cairia sobre seus contemporâneos (Mateus 24:3, 34). Paulo proclamou que “o fim dos tempos chegou para nós” (1 Coríntios 10:11). O autor de Hebreus declarou que a Antiga Aliança estava “envelhecendo e prestes a desaparecer” (Hebreus 8:13) e que Deus estava abalando “não só a terra, mas também o céu”, removendo “as coisas que podem ser abaladas” para que “as coisas que não podem ser abaladas permaneçam” (Hebreus 12:26–27). Quando Jesus falou sobre “o céu e a terra passarão” (Mateus 24:35), Ele não estava profetizando a aniquilação do cosmos físico; Ele estava anunciando a

dissolução do cosmos da Antiga Aliança — seu templo, seu sacerdócio, seu mundo sacrificial. Hebreus nos diz que o abalo e a remoção já estavam em curso. O ano 70 d.C. foi o momento histórico visível em que esse abalo atingiu seu fim determinado e o mundo da Antiga Aliança finalmente desmoronou.

Nesse colapso, a oliveira que você vem rastreando é a mesma realidade que Paulo descreve em Efésios 2–3. A única árvore de Romanos 11 é o único novo homem de Efésios 2. Os ramos — judeus e gentios — enxertados em Cristo são as pedras — judeus e gentios — edificadas juntas em “um só novo homem”, “um só corpo” e “um só templo” (Ef 2:14–22). O mistério que Paulo celebra em Efésios 3 — que “os gentios são coerdeiros, membros do mesmo corpo e participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho” (Ef 3:6) — é simplesmente a oliveira vista de outro ângulo. Em Romanos 11, os gentios são enxertados na raiz. Em Efésios 2, os gentios são aproximados e integrados ao mesmo templo sagrado. Em Gálatas 3–4, aqueles que pertencem a Cristo são descendentes de Abraão, herdeiros segundo a promessa (Gl 3:16, 29), e a Jerusalém atual, escravizada e condenada à expulsão, dá lugar à Jerusalém livre celestial (Gl 4:21–31). É uma só realidade: um só povo da aliança, uma só humanidade, um só templo, uma só árvore, um só Israel de Deus, ressurgindo das cinzas do velho mundo.

A própria história testemunha que algo que marcou o fim e o início do mundo aconteceu naquela geração. Josefo, que não era amigo de Cristo, descreve a Guerra Judaica e a queda de Jerusalém como uma devastação sem precedentes para uma cidade ou um povo, uma catástrofe na qual, em suas palavras, “nenhuma outra cidade jamais sofreu tais coisas” e “nenhuma geração desde o princípio do mundo” suportou tamanha

miséria. Ele pensava em termos de política e tragédia; Jesus já havia fornecido o contexto teológico: estes eram “os dias da vingança, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas” (Lucas 21:22). Os ramos que perseguiram os profetas, crucificaram o Senhor, caçaram os apóstolos e completaram a medida de seus pais foram finalmente cortados. O antigo céu e a antiga terra do mundo da aliança de Israel desapareceram. E do outro lado não havia um vácuo, nem um intervalo, mas um reino.

Esse reino não espera por uma dispensação futura. Uma vez que o mundo da Antiga Aliança foi julgado e removido, o reino da Nova Aliança ficou livre para se expandir sem impedimentos. A pedra cortada sem mãos que atingiu a antiga estátua em Daniel 2 não parou; começou a crescer e a encher a terra. O grão de mostarda nas parábolas de Jesus não permaneceu apenas um grão; começou a se tornar a maior das plantas do jardim, dando sombra às nações. O fermento não ficou parado na massa; começou a se espalhar por toda ela. O ponto de Romanos 11 não é que Deus um dia retornará a uma aliança aposentada; é que o povo da aliança, reconstituído em Cristo, herdará o mundo. Uma vez que os céus e a terra da Antiga Aliança foram abalados, o reino inabalável permaneceu (Hebreus 12:28) — um reino designado não para cintilar nas margens da história, mas para avançar, discipular e transformar as nações.

É aqui que o horizonte pós-milenar se torna inevitável. Se o ano 70 d.C. foi o verdadeiro fim do mundo — o fim do mundo da Antiga Aliança — então a era em que vivemos não é uma espera, não é uma sala de espera cósmica, mas o longo e crescente dia do reinado de Cristo. O Israel de Deus que emergiu daquele julgamento — judeus e gentios juntos,

enxertados em uma só árvore, edificadas em um só templo, formados em um só novo homem — é o próprio instrumento que Cristo usa para discipular as nações. A plenitude dos gentios que sinalizou o fim da velha era é o pagamento inicial de uma história muito maior: o evangelho avançando, as nações afluindo ao monte do Senhor, a terra se enchendo do conhecimento de Deus como as águas cobrem o mar. Romanos 11, lido corretamente, não nos faz olhar para trás, aguardando uma Antiga Aliança ressuscitada. Ele nos lança adiante na história, confiantes de que o reino que sobreviveu ao fim do mundo é o reino que sobreviverá a todos os rivais e permanecerá quando todas as outras ordens tiverem se desintegrado em pó.

- Conclusão —

Quando Paulo terminou Romanos 11, ele não estava esboçando o tênue contorno de uma esperança futura; ele estava anunciando o fim de uma era. O velho mundo — o mundo do privilégio genealógico, das sombras sacerdotais, da fumaça do templo, das fronteiras territoriais e da hierarquia hereditária — estava morrendo sob o peso da chegada do Messias. Ele gemia sob os passos Daquele que cumpriu todas as promessas que seus símbolos apenas sussurravam. E quando Cristo ressuscitou, o Novo Mundo ressuscitou com Ele. Romanos 11 é o obituário do Velho Mundo, o ano 70 d.C. é o seu funeral, e Pentecostes é a certidão de nascimento do Novo. Isso não é poesia; é teologia paulina. Os ramos que foram cortados representavam os israelitas incrédulos do primeiro século; os ramos enxertados representavam os judeus eleitos e os gentios crentes daquela mesma geração; a árvore que sobreviveu à poda foi o Israel de Deus; e o mundo que emergiu dessa grande transição é o mundo que agora habitamos — um mundo onde Cristo reina sem rival, sem competição, sem um segundo povo escolhido, sem uma aliança paralela e sem um futuro renascimento genealógico.

O futurismo morreu no momento em que o templo caiu; o sionismo morreu no momento em que a Oliveira foi reconstituída em Cristo; o dispensacionalismo morreu no

momento em que a Antiga Aliança foi declarada “obsoleta e prestes a desaparecer”, e Romanos 11 é a declaração apostólica de que tudo isso não foi um acidente, mas o plano soberano de Deus. O fim do mundo já aconteceu, e o mundo que existe agora é o mundo que Cristo governa. É por isso que o sionismo não pode ser aceito com indiferença. Não é um desvio inofensivo ou uma preferência interpretativa alternativa; é um ataque à própria estrutura da Nova Aliança. Busca ressuscitar o mundo que Deus sepultou e tenta dar vida ao cadáver de um sistema que Cristo cumpriu, julgou e substituiu por Si mesmo. O sionismo nos pede para retornar às sombras, mas Paulo nos ordena a permanecer na luz. O sionismo nos pede para reconstruir o muro que Cristo derrubou, mas Paulo declara o muro demolido. O sionismo nos pede para exaltar a carne, mas Paulo glorifica o Espírito. O sionismo nos pede para dividir o povo de Deus em dois grupos, mas Paulo anuncia um novo homem, um templo, uma árvore, uma raiz, um corpo, um Israel de Deus.

É por isso que Romanos 11 não apenas refuta o futurismo — ele o destrói. Não deixa rotas de fuga, nenhum ponto de apoio, nenhum penhasco ao qual se agarrar. Expõe todo o projeto sionista como o equivalente teológico a profanar túmulos — uma tentativa de arrastar a igreja de volta para um mundo que o próprio Deus declarou morto. Mas Paulo não termina no cemitério; ele termina na glória. Porque quando o Velho Mundo caiu, o Novo Mundo começou a surgir. É por isso que sua escatologia determina suas expectativas, suas expectativas determinam sua obediência, sua obediência determina sua cultura e sua cultura determina o mundo de seus filhos. Se você acredita que o Velho Mundo ainda tem algum direito na história, você construirá como um exilado; mas se você acredita que o

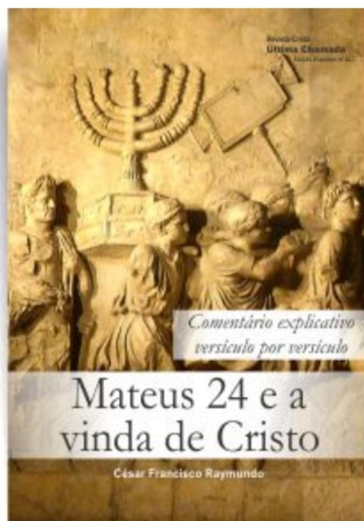
Novo Mundo já começou, você construirá como um conquistador.

Paulo encerra Romanos 11 com adoração porque acabou de descrever o maior ato divino de criação do mundo desde o próprio Gênesis — o momento em que Deus pôs fim a uma era, coroou Seu Filho, salvou Seu remanescente, enxertou as nações e desencadeou o reino que não terá fim. O verdadeiro fim do mundo já aconteceu; o verdadeiro começo do mundo está se desenrolando agora; e as nações são a herança de Cristo. O que significa que o futuro pertence a Ele — e, portanto, pertence a nós. Junte-se a nós na próxima semana, quando falaremos sobre todas as doutrinas que você perderá se adotar a mentira do sionismo. E o que veremos é que você perderá sua doutrina de Deus, sua doutrina de Cristo, sua doutrina da aliança, sua doutrina do povo de Deus, sua doutrina do reino, sua doutrina da igreja, sua doutrina do batismo, sua doutrina da missão, sua doutrina da escatologia — e muito mais. Mas até lá, que Deus o abençoe ricamente e nos vemos novamente na próxima vez no PRODCAST. Agora, vá embora.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus não tivesse nascido de mulher?